

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

ISADORA MENDONÇA MARCONI NICOLAU

**FESTIVAL WOW
UM ESTUDO SOBRE O PROTAGONISMO FEMININO**

Niterói
2025

ISADORA MENDONÇA MARCONI NICOLAU

FESTIVAL WOW – UM ESTUDO SOBRE O PROTAGONISMO FEMININO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientadora: Prof.^a Ana Clara Vega

Niterói
2025

ISADORA MENDONÇA MARCONI NICOLAU

FESTIVAL WOW – UM ESTUDO SOBRE O PROTAGONISMO FEMININO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Aprovada em julho / 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ana Clara Vega – Orientadora
Universidade Federal Fluminense

Prof. Flavia Lages
Universidade Federal Fluminense

Natã Neves
Universidade Federal Fluminense

Niterói
2025

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

N639f Nicolau, Isadora Mendonça Marconi
FESTIVAL WOW: UM ESTUDO SOBRE O PROTAGONISMO FEMININO /
Isadora Mendonça Marconi Nicolau. - 2025.
63 f.: il.

Orientador: Ana Clara Vega.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
Niterói, 2025.

1. Protagonismo feminino. 2. Produção de Festival. 3.
Produção Cultural. 4. Produção intelectual. I. Vega, Ana
Clara, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX



COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO CULTURAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao dia **nove de julho do ano de dois mil e vinte e cinco**, às **dezesseis horas**, realizou-se a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **FESTIVAL WOW UM ESTUDO SOBRE O PROTAGONISMO FEMININO**, apresentado por **Isadora Mendonça Marconi Nicolau**, matrícula **212033077**, sob orientação do(a) **Ma. Ana Clara Vega**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

- 1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Ma. Ana Clara Vega**
2º Membro: **Dra. Flavia Lages de Castro**
3º Membro: **Me. Natã Neves do Nascimento**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição: 9,5

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Ma. Ana Clara Vega
Presidente da Banca

RESUMO

Esta monografia investiga o Festival WOW (*Women of the World*, ou Mulheres do Mundo) como espaço de expressão e projeção de vozes femininas, analisando sua trajetória internacional e sua adaptação ao contexto brasileiro, especialmente no Rio de Janeiro. A pesquisa adota abordagem qualitativa, com análise documental e relato de experiência da autora, participante da produção do evento. São examinadas as práticas curatoriais, e dimensões presentes nas edições locais, ressaltando a importância do festival como ferramenta cultural de empoderamento e transformação social. O estudo contribui para o debate sobre protagonismo feminino nas artes, interseccionalidade e políticas culturais no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Festival WOW. Protagonismo feminino. Produção cultural. Interseccionalidade. Sociabilidade.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
1 FESTIVAL WOW: PALCO DE EXPRESSÃO E PROJEÇÃO DE VOZES FEMININAS	15
1.1 O Festival WOW no Mundo	17
1.2 O Festival WOW no Rio de Janeiro, via Maré	22
2- MULHERES COMO PAUTA DE UM FESTIVAL	30
2.1 Empreendedorismo Feminino	32
2.2 Mulheres em Diálogo e Ativistas em Rede	36
2.3 Mulheres nas Artes e na Cultura	40
3 SOCIALIZAÇÃO E LEGADO DO FESTIVAL WOW	46
3.1 Sociabilidade e Comunidade	47
3.2 Legado do Festival no Brasil	50
3.3 Experiências Pessoais e Impacto	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	61

INTRODUÇÃO

A presente monografia reúne e sistematiza um conjunto diferenciado de conteúdos acessados ao longo da graduação em produção cultural: referências artísticas, linguagens culturais, processos criativos na forma de projetos e produtos culturais. Este conjunto rico e diverso fundamenta o estudo e oferece os parâmetros de análise para o recorte do objeto: o olhar, a fala, a produção sobre o feminino expresso em um Festival de e para mulheres. O Festival WOW (*Women of the World*, ou Mulheres do Mundo) é aqui apresentado como o observatório para esta pesquisa e a questão do protagonismo feminino como objeto deste estudo.

O protagonismo feminino é apresentado como a capacidade de expressar interesses, opiniões e desejos; ter incidência na interação e na elaboração de conteúdos da vida pública e privada, participar do debate e das decisões sobre temas de interesse geral, bem como dos que as implicam de maneira direta, ampliar o senso de pertencimento e de satisfação das mulheres na vida pública e nos temas da vida privada, esferas fortemente associadas. Na mesma linha sugerida por Coradin e Oliveira (2024, p.13), busca-se evidenciar:

A relevância do protagonismo feminino na construção, manutenção e ampliação de experiências e redes que restituem, mantêm e ampliam a resiliência e a resistência individual e coletiva, que promovem a saúde humana e ambiental tanto dos corpos-territórios das mulheres quanto do corpo-território da Terra. Assim, consideramos importante visibilizar, valorizar e analisar de modo interseccional as contribuições que o protagonismo das mulheres assume (...)

O termo feminino foi escolhido no lugar do feminista por buscar uma ênfase no lugar atribuído e no lugar assumido pelas mulheres, indicando que são lugares não necessariamente iguais. Com essa escolha, pretende-se destacar os lugares simbólicos e sociais atribuídos e assumidos pelas mulheres nos contextos culturais analisados. Embora o feminismo esteja presente como horizonte crítico, o termo “feminino” permite abranger uma gama mais ampla e plural de experiências, incluindo aquelas que não necessariamente se vinculam a uma militância organizada, mas que expressam formas de resistência e agência nos territórios que habitam. A escolha, no entanto, não reflete uma posição de neutralidade, mas uma posição de enfrentamento às lógicas patriarcais e assimétricas de poder, de engajamento nas

lutas direcionadas à ampliação da cidadania de mulheres e no enfrentamento das violações e violências que são submetidas cotidianamente. Para Simone de Beauvoir, o feminino é uma construção social imposta às mulheres como forma de subordinação. Seu projeto é mostrar como essa construção se dá ao longo da vida — da infância à velhice — e como o feminismo precisa combatê-la não aceitando o “feminino” como natural, mas libertando as mulheres da condição de “outro”.

Neste sentido, a crítica de Beauvoir ao conceito de feminino tem implicações feministas profundas: se o feminino é construído, ele pode ser desconstruído e transformado. Isso abre espaço para a luta política por emancipação, não apenas por direitos iguais, mas por uma mudança nas estruturas que definem a questão de gênero.

Em 2023, eu tive a oportunidade de participar do planejamento e da operacionalização do Festival WOW na condição de produtora audiovisual, sendo responsável por documentar a experiência do Festival, as múltiplas atividades da programação, entrevistas e espetáculos. Tal experiência, somada às vivências ao longo da formação acadêmica e atuação profissional se constituíram em um acervo de conteúdos para o Trabalho de Conclusão de Curso em Produção Cultural.

A busca de um tema de estudo que representasse esta síntese qualificada de uma formação acadêmica procurou aliar o saber técnico a uma abordagem que representasse a incidência política do curso e de seus produtos. O tema do protagonismo feminino em um Festival de e para mulheres cumpre a função social que o curso pretende exercer:

Deste modo, pretendemos formar profissionais que não apenas reproduzam modelos, atendendo às exigências mercadológicas, aos interesses hegemônicos da indústria cultural, mas capazes de iniciativas, desenvolvendo projetos que valorizem a diversidade sociocultural. Formar produtores conscientes, com uma nova visão da cultura, valorizando-a em seu potencial transformador, associando-a à educação, visando a construir uma sociedade melhor. (Universidade Federal Fluminense, 2024)

O Festival WOW – Women of the World é um evento global produzido pela Fundação WOW, criado em Londres e hoje presente em mais de trinta localidades em seis continentes, atingindo aproximadamente cinco milhões de pessoas. Seu objetivo é celebrar e empoderar mulheres, meninas e pessoas não-binárias, promovendo encontros e festivais que buscam gerar diálogo sobre as questões

enfrentadas por essas populações e explorar coletivamente causas e soluções possíveis. De acordo com a apresentação oficial do evento:

“A Fundação WOW é responsável por produzir encontros e festivais em todo o mundo, buscando gerar diálogo sobre as questões enfrentadas por meninas e mulheres e explorar possíveis causas e soluções. (FESTIVAL MULHERES DO MUNDO, 2023)

A versão brasileira do Festival partiu de uma visita de Jude Kelly, fundadora da WOW Foundation, à Casa das Mulheres da Maré em 2016, onde ela propôs à Redes da Maré a realização de um evento que reunisse as vozes e experiências das mulheres do Rio de Janeiro. Desde então, o WOW Rio tem sido um espaço para reflexão sobre as pautas femininas, promoção de debates, conexão entre diferentes mulheres e realidades, e celebração das conquistas femininas.

Em 2018, aconteceu a primeira edição do Festival no Rio de Janeiro, com a previsão de realização a cada dois anos, que sofreu intercorrências durante o período de pandemia da Covid 19 em 2020, tendo sido realizado online. Em 2022, foi realizado o Festival ECOAR!, uma iniciativa do Festival Mulheres do Mundo em parceria com o projeto SHaME, da Universidade Birkbeck de Londres e a Fundação WOW. O ECOAR! seguiu os mesmos objetivos de ativismo, ciência e arte para confrontar e mudar atitudes em relação à violência sexual, compartilhar ideias e imaginar um mundo livre de violência. Em 2023, o Festival WOW retorna em sua versão brasileira e é sobre essa edição, a mais recente até o momento, que este trabalho se debruça.

Em 2023, segundo estimativas da Redes da Maré divulgada em redes sociais, o Festival Mulheres do Mundo reuniu mais de 40 mil pessoas em 3 dias de programação. Cerca de 700 convidadas colaboraram com mais de 250 atividades oferecidas. Cerca de 40 parceiros e entidades colaboraram com o projeto para que sua realização fosse possível. Mais de 1200 pessoas trabalharam na construção do WOW, em sua maioria mulheres. Ao menos 200 negócios foram impulsionados na “Feira de negócios delas”, que foi visitada por 12 mil pessoas ao longo da programação.

O Festival é um momento de mobilização, trocas e escutas que representa a multiplicidade de vozes e experiências das mulheres em um espaço ocupado por mulheres a fim de conversar, compartilhar suas lutas, conquistas e derrotas, e

celebrar a cultura e a arte a partir de uma perspectiva feminina. Como indicam Berselli et al (2021: p.1): “Os festivais oportunizam trocas sociais, lazer e recreação, e com isso criam senso de comunidade e dão significado à vida das pessoas.”.

Diante desta potência de expressões e sentidos que o Festival veicula sobre a condição da mulher, a presente monografia busca destacar conteúdos que qualificam o protagonismo feminino nas diversas atividades propostas no Festival WOW - 2023 Rio de Janeiro. O contato com um acervo de registros em mídia gravada permitiu listar a pauta de temas presentes nos espaços de debate, caracterizar o perfil das pessoas convidadas a desenvolver conteúdos, inventariar o número de participantes por sessões, destacando os temas/ atividades mais concorridos. Além destes objetivos, o estudo permitiu sistematizar um cadastro sobre iniciativas de mulheres/organizações de mulheres, enfatizando as propostas relacionadas à produção cultural, bem como aprofundar tópicos pouco desenvolvidos nos registros documentais através das entrevistas realizadas buscando caracterizar as bases do protagonismo feminino.

O estudo é baseado em uma abordagem qualitativa, considerando diferentes formas de aproximação com o objeto. Em primeiro lugar, busca-se através do mapeamento bibliográfico, caracterizar o estado da arte sobre algumas palavras-chave centrais para este estudo, tais como: Festival, protagonismo feminino; produção cultural. Tal mapeamento pode indicar não apenas o interesse das diversas áreas das Humanidades sobre o tema, expresso no volume de publicações, mas também os conceitos e visões veiculados em estudos e pesquisas acadêmicas.

A base de pesquisa bibliográfica foi a plataforma Scielo, por se tratar de um acervo com produções acadêmicas de diversas áreas do conhecimento, o que pode favorecer um tratamento interdisciplinar sobre o tema. A pesquisa bibliográfica foi baseada em produções de língua portuguesa a partir da década de 1990 que desejavelmente apresentassem intercessões entre as palavras chave anteriormente citadas. A pesquisa bibliográfica foi, desta forma, uma maneira de aferir se as palavras-chaves apresentariam associações entre a temática de gênero e de produção cultural. Os resultados obtidos são demonstrados no quadro a seguir e as produções selecionadas são citadas ao longo da monografia, quando pertinentes.

Quadro 1: Levantamento bibliográfico na base Scielo

Palavras chave	Número de publicações	Áreas de concentração	Temas mais recorrentes
Festival	92	Várias	produção cultural, folclore, agricultura, religião
Feminismos	239	Ciências Humanas	identidade, corpo, sexualidade
Protagonismo feminino	29	Ciências Humanas	política, maternidade, território

Fonte: www.scielo.br, sistematizado pela autora.

A pesquisa indica uma difusa utilização do termo festival com conotações distintas e uma baixa associação com a temática de gênero. A palavra chave feminismos, como esperado, traz um conjunto consistente de reflexões sobre as diversas formas de constituição do movimento feminista, sendo mesmo inadequado concebê-lo no singular. A palavra-chave, ou melhor, a expressão protagonismo feminino é mais restrita embora inclua abordagens temáticas distintas. Vale ressaltar que o termo protagonismo embora tenha uma conotação política, é amplamente usado em uma linguagem do mercado, associado a empreendedorismo, autonomia e independência.

Outro procedimento metodológico de base qualitativa adotado foi a análise dos conteúdos que, como indica Minayo (2009):

expressam a voz, os sentimentos, os pensamentos e as práticas dos diversos atores que compõem o universo de uma pesquisa ou de uma avaliação. Eles evidenciam a adoção ou a rejeição de certas atitudes, valores, estilos de comportamento e de consciência e se fundamentam na necessidade de ressaltar as dimensões das relações vividas inter-subjetivamente, entendendo que elas fazem parte de qualquer processo social e o influenciam (p. 9).

Tais conteúdos expressos na forma de documentos, registros fotográficos ou filmes e entrevistas foram acessados nas páginas oficiais do Festival WOW (versão brasileira e global), como em site e redes sociais, páginas oficiais da ONG Redes da Maré, acervo pessoal produzido durante o Festival para a produção de documentário disponível no canal do Festival no Youtube.

A análise de conteúdos, ao privilegiar a escuta atenta e a leitura sensível de registros simbólicos e discursivos, mostra-se especialmente pertinente para captar as formas pelas quais o protagonismo feminino é enunciado, performado e

ressignificado em eventos culturais como o Festival WOW. Trata-se de uma técnica que não apenas identifica padrões e recorrências temáticas, mas também permite compreender as disputas de sentido em torno de categorias como “empoderamento”, “representatividade” e “liderança feminina”, que aparecem associadas a diferentes vozes e contextos.

No caso do Festival WOW, os materiais analisados revelam uma multiplicidade de narrativas que tensionam o lugar social das mulheres, seja por meio de discursos políticos mais explícitos, seja por práticas cotidianas que operam deslocamentos simbólicos importantes. A análise de conteúdos permite, assim, observar como o festival se constitui como espaço de visibilidade e de construção de identidades plurais, onde o protagonismo feminino não é apenas tematizado, mas encenado em uma arena pública que articula arte, política e ativismo.

Além disso, ao incorporar diferentes linguagens – como o audiovisual, a fotografia e a performance –, a análise de conteúdos amplia o escopo metodológico para além do texto escrito, reconhecendo outras formas de expressão e agenciamento feminino. Nesse sentido, a técnica oferece recursos para identificar tanto os conteúdos explícitos quanto os subtextos que atravessam as falas, os gestos, os símbolos e os rituais performativos que compõem a estética e a política do festival.

Por fim, cabe destacar que a análise de conteúdos não se restringe à descrição dos dados, mas implica uma interpretação crítica dos contextos de produção e circulação dos sentidos. Ao articular esse referencial metodológico com a proposta analítica da pesquisa, é possível compreender o Festival WOW como um dispositivo de mobilização simbólica e afetiva que contribui para a ampliação do espaço público das mulheres, em especial daquelas historicamente silenciadas. Trata-se, portanto, de uma ferramenta potente para explorar como o protagonismo feminino se manifesta em práticas culturais contemporâneas, atravessadas por marcadores de classe, raça e território.

Assim, esta pesquisa reafirma a importância de uma produção cultural que não se limite à reproduzibilidade técnica de eventos, mas que compreenda seu papel político e social como vetor de transformação. O protagonismo feminino, quando cultivado com intencionalidade e sensibilidade às interseccionalidades, deixa de ser

apenas um conceito e se torna prática. E é nesse lugar, entre a teoria e a ação, entre a estética e a ética, que esta monografia se posiciona — como produto acadêmico, mas também como testemunho de uma vivência que transforma e convoca.

1. FESTIVAL WOW: PALCO DE EXPRESSÃO E PROJEÇÃO DE VOZES FEMININAS

Neste capítulo, busco apresentar um breve histórico sobre a expansão global do Festival WOW (*Women of the World*, ou Mulheres do Mundo) destacando seu papel como plataforma de discussão para questões diversas em cada território onde é realizado, indicando que o Festival se adapta às pautas locais em cada cidade onde é realizado. Para isso, analiso, no item 1.1, a trajetória do Festival desde sua criação em Londres até sua consolidação como rede internacional de mobilização e escuta. Em seguida, no item 1.2, exploro o processo de territorialização do Festival no Brasil, com ênfase na parceria com a Redes da Maré e na construção de uma proposta curatorial que incorpora, de forma interseccional, as realidades e urgências das mulheres no contexto carioca.

A WOW Foundation, a partir da sua idealizadora Jude Kelly, assume um compromisso com a diversidade de experiências femininas, dialogando com questões universais, como direitos humanos, educação e representatividade, ao mesmo tempo em que reflete as necessidades específicas de cada território. “Eu decidi criar uma plataforma onde milhares de histórias seriam contadas, com pessoas reais, como nós. E por isso eu comecei o WOW” contou Jude Kelly ao público, na mesa de abertura da versão brasileira do festival, em 2023.

No Brasil, o Festival WOW se conecta à Redes da Maré, organização comunitária com forte atuação na promoção dos direitos das mulheres nas favelas cariocas, particularmente no conjunto da Maré, através de sua fundadora Eliana Alves, que assume o papel de representar o WOW no país. Essa parceria amplia a potência política do Festival ao incorporar de maneira mais explícita uma abordagem interseccional, que considera as múltiplas dimensões de desigualdade enfrentadas pelas mulheres a partir de seus contextos sociais, raciais, territoriais e econômicos. Tal perspectiva se alinha à concepção de interseccionalidade desenvolvida por Patricia Hill Collins (2019), que entende que os sistemas de opressão, como racismo, sexismo, classismo e heteronormatividade, não atuam isoladamente, mas se entrelaçam na experiência cotidiana das mulheres, sobretudo das mulheres negras e periféricas.

No contexto do Festival WOW, essa interseccionalidade se manifesta na

curadoria, que valoriza saberes e vivências historicamente marginalizados; nas metodologias participativas, como a chamada pública para ativistas e coletivos locais; na composição das equipes técnicas e de produção, majoritariamente formada por mulheres negras; e na ocupação de espaços públicos, como a Praça Mauá, com atividades acessíveis e abertas à população. Ao reconhecer que as desigualdades de gênero são atravessadas por marcadores como classe social, raça, território e geração, o Festival propõe não apenas uma celebração da diversidade, mas uma prática ativa de justiça social e construção de redes femininas plurais.

Como propõe Hill Collins, “as mulheres negras estão situadas em uma matriz de dominação que organiza seus posicionamentos dentro de sistemas interligados de opressão” (Collins, 2019, p. 29). O WOW, ao emergir das margens e ocupar o centro, oferece uma plataforma onde essas vozes não apenas são ouvidas, mas moldam o discurso, a estética e a ação política do evento. Trata-se de uma abordagem que desloca o foco de um feminismo homogêneo e universalizante para uma proposta que valoriza as especificidades e complexidades das existências múltiplas das mulheres em seus territórios.

A realização do Festival no Rio de Janeiro evidencia esse esforço de escuta e tradução local, ao reunir mais de 150 mulheres — entre artistas, lideranças, ativistas e empreendedoras — em uma programação que ocupou a Praça Mauá com atividades gratuitas, acessíveis e profundamente conectadas às urgências do território. A curadoria se estruturou em torno de quatro eixos temáticos : “Mulheres em Diálogo”, “Mulheres nas Artes e na Cultura”, “Ativistas em Rede” e “Empreendedorismo Feminino”. Ao valorizar desde narrativas individuais até práticas coletivas, o Festival se constitui como um espaço de projeção simbólica, mas também de ação concreta, onde o protagonismo feminino ganha forma

A capacidade de transitar entre o global e o local, entre o simbólico e o material, é uma das marcas do Festival WOW em sua versão brasileira. Ao lado de grandes nomes da música, literatura, ativismo e gestão pública, a programação incorporou também figuras comunitárias e lideranças periféricas que atuam cotidianamente na linha de frente das lutas por direitos. Mesas como “Mulheres no

Front”, “Mulheres da Favela” e “Mães de Luta” evidenciaram esse compromisso com a pluralidade de vozes, trazendo à cena mulheres cuja experiência muitas vezes é negligenciada por espaços institucionais e pela mídia tradicional. Esse gesto curatorial amplia o repertório simbólico do Festival, ancorando sua proposta em uma prática política de reconhecimento e pertencimento.

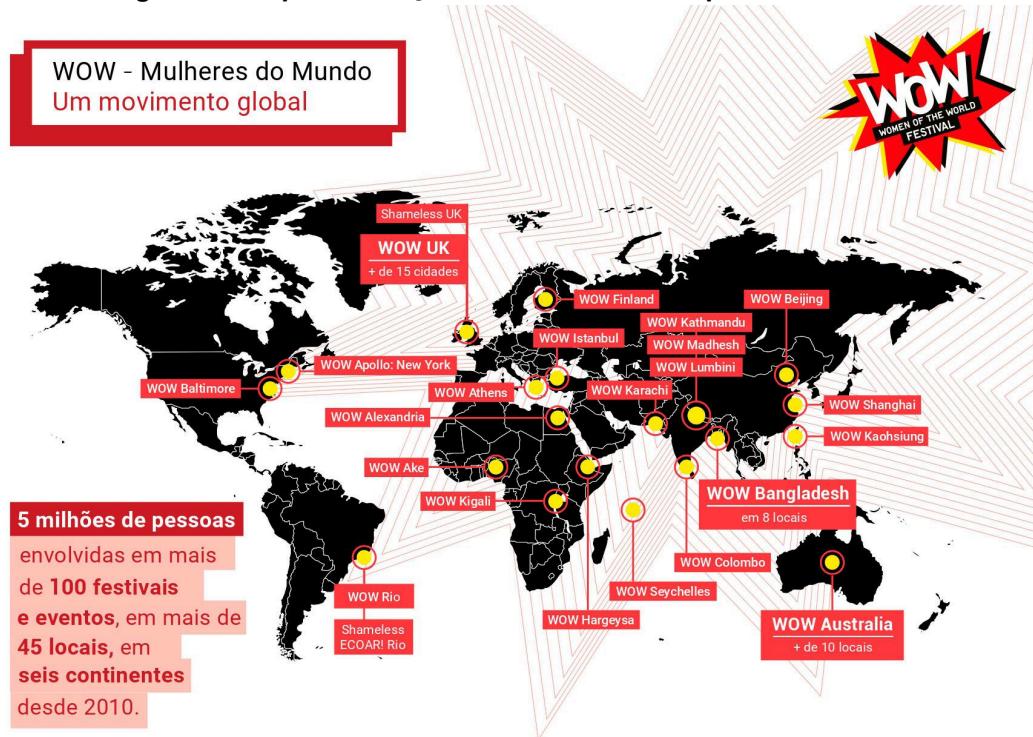
Portanto, ao se firmar como palco de expressão e projeção de vozes femininas, o Festival WOW não apenas dá visibilidade às múltiplas formas de ser mulher, mas contribui ativamente para a construção de redes, narrativas e estratégias que desafiam estruturas de opressão e exclusão. Sua realização no Rio de Janeiro, em diálogo com a Redes da Maré, reafirma a importância de articular cultura e política a partir do território, reconhecendo que na intersecção entre as experiências locais e os debates globais emergem caminhos potentes para a transformação social.

1.1 O FESTIVAL WOW NO MUNDO

O Festival WOW (Women of the World) nasceu em 2010, em Londres, idealizado pela produtora e ativista Jude Kelly¹, com o objetivo de ampliar as vozes femininas e fornecer um espaço inclusivo de celebração e debate sobre questões de gênero. Desde então, o WOW se expandiu para um movimento global, realizando festivais em seis continentes e alcançando mais de cinco milhões de pessoas (Figura 1). Em cada localidade, o evento é ajustado para abordar questões femininas específicas da cultura e sociedade local, reafirmando seu papel como uma plataforma global de empoderamento e mudança social.

¹Jude Kelly é uma diretora teatral e produtora cultural britânica. Fundadora da WOW Foundation (Women of the World), criou o Festival WOW em 2010, em Londres, com o objetivo de celebrar conquistas femininas e promover o diálogo sobre desigualdades de gênero. Reconhecida por sua atuação em defesa dos direitos das mulheres e pela promoção da diversidade nas artes, foi diretora artística do Southbank Centre por mais de uma década e é uma figura influente na cena cultural do Reino Unido.

Figura 1 – Mapa das edições do Festival WOW pelo mundo



Fonte: Revista de programação do Festival, 2023.

A Fundação *WOW Foundation* foi formalizada para gerir e expandir o Festival e seus princípios fundamentais ao redor do mundo. Ela promove uma visão de igualdade de gênero, centrada na criação de espaços onde mulheres, meninas e pessoas não-binárias possam explorar e debater as barreiras que enfrentam. A missão da *WOW Foundation* transcende o entretenimento, buscando construir uma sociedade em que a igualdade de gênero seja possível e celebra as realizações femininas enquanto questiona e desafia as desigualdades estruturais, através de festivais em diversos países, nos quais promove painéis de debate, oficinas interativas, performances artísticas e rodas de conversa que abordam temas como violência de gênero, saúde mental, direitos reprodutivos, liderança política e justiça econômica. Além disso, iniciativas como os “*Think Ins*” — encontros comunitários de escuta e construção de temas para os eventos — permitem a inclusão de vozes plurais na curadoria e programação. A *WOW Foundation* também desenvolve projetos contínuos, como o “*Young Leaders Directory*” e o “*WOW Girls Festival*”, voltados para o empoderamento de meninas e jovens mulheres em contextos de vulnerabilidade. Essas estratégias demonstram o compromisso da instituição com a

criação de espaços de escuta, aprendizado e transformação social, nos quais a igualdade de gênero é construída a partir do diálogo entre experiências diversas e da valorização dos saberes situados.

A entidade mantém um compromisso de entender as realidades culturais e sociais de cada território, permitindo que o Festival se adapte ao contexto local. Essa abordagem faz do WOW uma plataforma onde é possível conectar o global ao local, criando um espaço para que mulheres de todas as origens compartilhem suas histórias e lutas. Ao fazer isso, a fundação inspira um senso de solidariedade e comunidade em um evento que é, ao mesmo tempo, uma celebração e um ato político.

Cada edição do Festival WOW se molda às questões e urgências específicas de cada território. Em eventos realizados em cidades como Londres, Nova York, Karachi e Rio de Janeiro, o Festival aborda temas que vão desde a violência de gênero e direitos reprodutivos até empreendedorismo e representatividade. Em Londres, por exemplo, onde o festival teve sua origem, os debates têm se concentrado em temas como a violência doméstica, equidade salarial e a invisibilidade das mulheres na história oficial, muitas vezes acompanhados de campanhas públicas que envolvem escolas e instituições culturais. Em Nova York, o festival trouxe à tona discussões sobre saúde mental, migração e direitos LGBTQIA+, articulando experiências de mulheres latinas, negras e imigrantes com foco na interseccionalidade urbana. Em Karachi, no Paquistão, os painéis abordaram temas como casamento infantil, acesso à educação para meninas e os desafios enfrentados por defensoras de direitos humanos em contextos de fundamentalismo religioso e violência política.

Já no Rio de Janeiro, especialmente na edição de 2023, o festival se debruçou sobre questões como justiça reprodutiva, ativismo em territórios periféricos, maternidades dissidentes e a participação política de mulheres negras. Essa variedade de enfoques permite que o Festival atue como uma plataforma de escuta e troca entre diferentes culturas e perspectivas, valorizando o conhecimento situado e promovendo uma visão global crítica e plural sobre as questões femininas contemporâneas. Essa variedade de temas permite que o Festival atue como uma plataforma de troca entre diferentes culturas e perspectivas, enriquecendo a

experiência para as participantes e promovendo uma visão global sobre as questões femininas.

No Festival WOW ao redor do mundo, a troca de experiências entre mulheres e outras identidades de gênero permite a escuta de uma diversidade de vozes e olhares que amplia a compreensão das questões femininas e de gênero em escala global. Cada evento se configura como uma arena onde dificuldades e conquistas específicas de diferentes localidades são compartilhadas, ao mesmo tempo em que se constroem redes transnacionais de apoio e fortalecimento mútuo. Essa abertura ao pluralismo de experiências encontra ressonância nas reflexões de Berenice Bento (2006), para quem a identidade de gênero é uma experiência subjetiva e socialmente construída, referindo-se à forma como cada pessoa se reconhece e se posiciona no mundo em relação às categorias de masculino e feminino — ou fora delas.

Bento enfatiza que a identidade de gênero não deriva automaticamente do sexo biológico, mas resulta de um processo de identificação que envolve dimensões psicológicas, culturais e políticas. Em sua análise crítica sobre os regimes de verdade que moldam o corpo e a subjetividade, a autora afirma: “A identidade de gênero é um lugar de significação produzido por regimes de verdade que constroem determinadas práticas corporais como naturais” (Bento, 2006, p. 51). Isso significa que as identidades de gênero são formadas em meio a normas sociais e discursos hegemônicos sobre corpo e sexualidade, sendo menos uma expressão de uma essência biológica e mais uma construção situada, histórica e política.

A Fundação WOW busca criar um legado em cada cidade onde o Festival acontece, fomentando redes de apoio e inspirando futuras gerações a se envolverem em questões de gênero e justiça social. Ao buscar promover um ambiente seguro e inclusivo para discussão e aprendizado, o WOW pretende inspirar suas participantes a assumir papéis ativos em suas comunidades.

Essa missão contínua de transformação social é fortalecida pelo Festival, que deixa em cada local não apenas recordações e inspirações, mas também ferramentas práticas e redes de contato que permitem que o impacto continue mesmo após o encerramento do evento. Em cada edição, o Festival busca solidificar um “papel de agente transformador”, onde mulheres podem explorar e questionar

sus realidades, unindo-se em uma rede de empoderamento que transcende o espaço de realização do evento.

Exemplo dessa continuidade é a criação do *Young Leaders Directory*, lançado pela Fundação WOW em 2020, que articula uma comunidade global de jovens líderes — mulheres, meninas e pessoas não-binárias — de diferentes países e territórios. Trata-se de uma rede internacional de apoio mútuo, que promove mentorias, intercâmbios e ações colaborativas entre participantes comprometidas com a transformação social em seus contextos locais. Ao compartilhar suas trajetórias e visões de mudança, essas jovens fortalecem uma rede transnacional de resistência e persistência, expandindo os limites geográficos do Festival e reafirmando seu papel como plataforma global de articulação feminina.

No Brasil, a realização de eventos como o *Esquenta WOW Salvador*, ocorrido em novembro de 2024 na Casa Rosa, no bairro do Rio Vermelho, exemplifica essa mesma lógica de enraizamento local e continuidade das articulações políticas e culturais. Com a participação de coletivos como o Instituto Odara e o Instituto da Mulher Negra Mãe Hilda Jitolu², o evento promoveu oficinas, rodas de conversa e espaços de escuta voltados para o bem-estar, a saúde e os direitos das mulheres negras. Ao reunir diferentes saberes e experiências, o encontro fortaleceu redes regionais de ativismo e reforçou o compromisso do Festival com a valorização das agendas feministas a partir de territórios marcados pela resistência e pela ancestralidade.

Essas experiências reforçam a ideia de que o Festival WOW opera como um dispositivo catalisador de redes e ações que persistem no tempo e no espaço, articulando práticas culturais e políticas que visam a ampliação dos direitos e o fortalecimento das subjetividades femininas em suas múltiplas expressões. As redes criadas e mobilizadas a partir do Festival são, portanto, tanto ferramentas quanto

²O Instituto Odara – Instituto da Mulher Negra é uma organização feminista negra fundada em 2010, sediada em Salvador (BA), que atua na promoção da equidade racial e de gênero, com foco na valorização das mulheres negras, suas histórias, saberes e lutas.

O Instituto da Mulher Negra Mãe Hilda Jitolu é uma iniciativa que homenageia e dá continuidade ao legado de Mãe Hilda Jitolu, iyalorixá e ativista do Ilê Axé Jitolu, um dos pilares do Bloco Afro Ilê Aiyê. O Instituto articula ações voltadas para o empoderamento de mulheres negras a partir de uma perspectiva afrocentrada e comunitária, promovendo a valorização da cultura negra, da ancestralidade e das tradições de matriz africana.

legados: instrumentos concretos de articulação e transformação, mas também testemunhos da potência coletiva que emerge do encontro entre mulheres diversas, em diálogo com seus contextos, seus territórios e suas lutas.

1.2 O FESTIVAL WOW NO RIO DE JANEIRO, VIA MARÉ

A chegada do Festival WOW ao Brasil se deu em 2018, com a realização da primeira edição na cidade do Rio de Janeiro, fruto do encontro entre a WOW Foundation e a Redes da Maré, organização de base comunitária com trajetória reconhecida na defesa de direitos nas favelas cariocas. A organização desenvolve projetos nas áreas de educação, segurança pública, cultura, arte, memória e direitos das mulheres dentro do território de favelas da Maré, estabelecendo conexões entre as demandas locais e políticas públicas. Essa aliança foi fundamental para territorializar o festival no contexto brasileiro e ressignificá-lo a partir das urgências locais, inserindo-o na complexa realidade das 16 comunidades que compõem o conjunto da Maré, onde vive uma população feminina diversa. A Rede, por meio de sua iniciativa Casa das Mulheres da Maré³, inaugurada em 2016, tornou-se eixo de articulação entre o festival e o cotidiano das mulheres do território, fortalecendo o protagonismo feminino em contextos marcados por desigualdades sociais, raciais e territoriais.

Ao assumir a curadoria e produção do Festival Mulheres do Mundo no Brasil, a Redes da Maré reforça sua missão de construir pontes entre a potência cultural da Maré e os grandes debates sobre gênero, raça, classe e território. A ONG atua no complexo de favelas da Maré, no Rio de Janeiro, desde 2007, com o objetivo de promover o desenvolvimento local, a defesa de direitos e a produção de conhecimento. A organização se destaca para este projeto por sua atuação na causa das mulheres, oferecendo suporte e promovendo ações para empoderar as

³"Localizada no Parque União, uma das dezenas favelas da Maré, a Casa das Mulheres da Maré atua em diferentes frentes de trabalho: produção de conhecimento, qualificação profissional, aumento da escolaridade, geração de renda, enfrentamento de violências contra as mulheres, atendimento sociojurídico e psicológico, realização de ações no campo da arte e da cultura, fomento aos direitos sexuais e reprodutivos, articulação territorial e estabelecimento de parcerias e trocas entre instituições com atuação local, ou não, para a criação de uma agenda positiva nas políticas públicas para mulheres." (Redes da Maré, 2023)

mulheres da comunidade, enfrentando desafios como violência de gênero, falta de acesso à educação e mercado de trabalho, entre outros.

A favela da Maré, composta por 16 comunidades e cerca de 140 mil habitantes, representa um território marcado por desigualdades históricas, ausência de políticas sociais e culturais efetivas e constantes violações de direitos. Nesse contexto, a atuação da organização Redes da Maré é fundamental para a articulação de iniciativas que buscam promover cidadania, justiça social e fortalecimento comunitário.

A realização do Festival neste contexto não apenas amplia a visibilidade das questões enfrentadas pelas mulheres de favela, mas também reposiciona a Maré como espaço de produção de conhecimento, ativismo e inovação cultural, reafirmando que o protagonismo feminino emerge, sobretudo, das margens. Sendo assim, em sua versão brasileira, o Festival foi concebido a partir da incorporação dos marcadores de classe e raça, trabalhando a partir da centralidade da perspectiva das mulheres que vivem na favela e na periferia.

Enquanto o Festival em Londres busca olhar para fora, aprendendo e colaborando com questões vividas por mulheres em diferentes culturas e contextos internacionais, o Festival no Brasil adota uma postura igualmente transformadora, porém com um olhar profundamente ancorado nas especificidades do território brasileiro e, mais ainda, nas realidades do Rio de Janeiro. Essa diferenciação não se restringe apenas à seleção de pautas, mas se reflete na forma como o evento se insere em redes locais de resistência e protagonismo. No cenário brasileiro, o Festival se revela como um espaço de resgate e validação das experiências cotidianas, em que as lutas e desafios vivenciados pelas mulheres — marcados por desigualdades históricas, estigmas e exclusões sociais — se articulam para a criação de práticas afirmativas, que visam não só denunciar a precariedade de uma situação de suposta “equidade alcançada”, mas também impulsionar transformações concretas.

A WOW Foundation, por sua vez, reforça essa perspectiva global e local ao afirmar que, "por meio de festivais, eventos, programas escolares e outras iniciativas, o WOW desafia a crença de que a equidade de gênero já foi alcançada – e espera conectar pessoas, movimentos e ideias para transformar o mundo" (The

WOW Foundation). A proposta do Festival transcende a celebração de conquistas, passando a ser uma convocatória para o engajamento contínuo e a mobilização coletiva.

Enquanto o Festival em Londres adota uma dimensão globalizada de diálogo e intercâmbio cultural, o modelo brasileiro enfatiza articulações locais e a resposta às urgências de seu território, construindo pontes entre o conhecimento internacional e as especificidades dos territórios periféricos do Rio de Janeiro. Essa articulação reflete uma abordagem interseccional, na qual o evento se configura como um catalisador para a conscientização e a ação. Ao adaptar suas estratégias para responder às demandas de comunidades historicamente marginalizadas, o Festival no Brasil não só amplifica as vozes dessas mulheres - inserindo suas pautas em um evento de visibilidade internacional - como também propicia a criação de uma rede de apoio que se estende além do tempo e do espaço do evento, alinhando-se à visão da WOW Foundation de unir pessoas, movimentos e ideias em prol de uma transformação global. Dessa forma, o Festival se posiciona como instrumento de mobilização política e cultural, reafirmando que a luta por equidade de gênero é uma tarefa contínua e que, ao conectar experiências diversas, é possível fomentar uma mudança que reverbere tanto no âmbito local quanto no contexto internacional.

A edição brasileira do Festival WOW de 2023, analisada neste trabalho, representou o retorno presencial do festival no Brasil após a pandemia de Covid-19 e reuniu na programação mais de cem nomes femininos de diversas regiões do Brasil e do mundo. Realizado entre os dias 27 e 29 de outubro em espaços simbólicos como o Museu do Amanhã, o Museu de Arte do Rio e a Praça Mauá, o Festival foi estruturado em torno de quatro eixos curatoriais principais: Mulheres em Diálogos, Mulheres nas Artes e Cultura, Ativistas em Redes e Negócios Delas. A programação, inteiramente gratuita e com recursos de acessibilidade, incluiu mesas de debate, oficinas, fóruns, rodas de conversa, apresentações artísticas, feiras e exposições, organizadas em torno de temas como justiça e violências, sexualidade e corporeidade, saúde, educação, afetos, política e sustentabilidade. A diversidade de formatos — de rituais indígenas a fóruns de ciência negra, de performances artísticas a trocas sobre maternidade, economia ou direitos sexuais — refletiu a

intenção de construir um espaço interseccional de escuta, partilha e construção coletiva.

Entre os destaques, vale mencionar a roda de conversa “Mulheres, raça e a violência estatal”, com a participação de Dina Alves e Bruna Silva; o debate “Mulheres em espaços de poder e decisão”, com Anielle Franco e Jacqueline Moraes; e a atividade “Escrever o amor e o afeto”, que reuniu Conceição Evaristo e Anelis Assumpção em um encontro entre literatura, memória e política. Em entrevista à nossa equipe, disponível no canal da instituição, Conceição Evaristo destacou a importância de diversidade de vozes presentes no festival “quanto mais o festival puder englobar a participação das mulheres _de uma maneira mais diversificada possível, eu acho que amplia a possibilidade de pensamentos, a possibilidade de questionamentos” (Canal Festival Mulheres do Mundo - Youtube, 2023). Para a escritora, essa pluralidade é o que traz a representação efetiva da diversidade das mulheres.

No campo artístico, a programação contou com performances da Cia de Dança Lia Rodrigues, do grupo Mulheres ao Vento, da artista Sueide Kintê e com shows de nomes como Alcione, Larissa Luz, Mc Tha, MC Carol, Deize Tigrona e Bia Ferreira — nomes que reforçam a pluralidade estética e política presente no evento. A exposição "FUNK: Um grito de liberdade e ousadia", no MAR, e a mostra dedicada à obra de Carolina Maria de Jesus também integraram a programação, ampliando os diálogos entre cultura popular, território e protagonismo feminino.

Além disso, a feira “Negócios Delas” ocupou a Praça Mauá como vitrine de empreendimentos liderados por mulheres de diferentes regiões e setores, selecionadas por chamada pública e acompanhadas por processos formativos. Oficinas como “Além do skincare: o afeto como forma de cuidado para mulheres”, promovida pelo coletivo Favela Terapia, e “Narrativas sobre justiça reprodutiva”, facilitaram trocas e produções de conhecimento a partir das vivências. A pluralidade de temas — que abrangeu desde alimentação e justiça ambiental até sexualidade, prazer, maternagem, ciência e tecnologia — foi abordada de forma interseccional, acolhendo diferentes trajetórias e identidades.

Essa densidade programática, aliada à gratuidade e ao esforço contínuo por acessibilidade e representatividade, mostrou o compromisso do Festival com a

democratização dos espaços culturais e com a criação de um território simbólico em que as vozes femininas não apenas se expressam, mas constroem, juntas, novas narrativas de mundo.

A viabilização do Festival deu-se por meio de um ecossistema colaborativo de financiamento, articulado com diferentes parceiros e apoiadores. Além do apoio institucional da Redes da Maré e da WOW Foundation, a edição contou com colaboração de entes públicos, organizações da sociedade civil e empresas privadas, como Anistia Internacional, Gol, Canal Futura, Ambev e Vale. Essa estrutura possibilitou que o festival se mantivesse gratuito e acessível, democratizando a participação e ampliando seu alcance social e político.

Um Festival com expressão transnacional - ao ser sediado no Rio de Janeiro - o faz através de uma organização comunitária com forte liderança de mulheres em uma das maiores favelas do país. Esta não é uma parceria aleatória: através dela, o Festival escancara a questão social associada às pautas feministas.

A cidade do Rio de Janeiro ocupa um lugar central na formação social e cultural brasileira, sendo palco de intensos processos históricos de segregação e resistência. Desde o período colonial, o Rio foi território estratégico para o poder político e econômico, mas também para a mobilização popular, especialmente das populações negras e pobres. As favelas surgem nesse contexto como resposta à exclusão urbana e à ausência de políticas públicas de habitação, consolidando-se como espaços de moradia, convivência, trabalho informal, criação artística e sociabilidade. No entanto, esses territórios foram historicamente estigmatizados, tratados como espaços à margem, quando, na verdade, compõem o núcleo vital da cultura brasileira. As mulheres, por sua vez, desempenharam papel central na organização desses territórios, seja como chefes de família, líderes comunitárias, artistas ou empreendedoras. A atuação feminina está presente tanto na sustentação cotidiana da vida quanto na mobilização política por direitos básicos, como moradia, educação e segurança.

Como aponta Mônica Velloso (1990), nas camadas populares não se sustentava o modelo burguês de família que delega à mulher o espaço do lar, a criação dos filhos e a submissão, e ao homem o trabalho, a subsistência da família e o poder de iniciativa. Essa diferença estrutural entre o modelo idealizado de

feminilidade burguês e a realidade das mulheres periféricas é também observada por Angela Davis (2016), ao afirmar que, enquanto o ideal de feminilidade dependia do confinamento das mulheres ao espaço doméstico, o trabalho das mulheres negras escravizadas jamais lhes permitiu conformar-se a esse padrão. Essa dissociação entre gênero e território permite compreender que as experiências femininas não são homogêneas e que os marcadores de classe e raça são determinantes nas dinâmicas de opressão e resistência.

Sueli Carneiro (2005) aprofunda essa análise ao destacar que as mulheres negras, majoritariamente localizadas nas periferias urbanas, ocupam posições de vulnerabilidade múltipla – de raça, de classe e de gênero –, mas também integram, historicamente, a linha de frente da resistência política e cultural nesses territórios. Essa resistência, ancorada em redes de apoio, religiosidade, práticas comunitárias e produção cultural, dá forma a um protagonismo feminino que não se expressa apenas na fala pública, mas também no cotidiano, como estratégia de sobrevivência e reinvenção.

Rodrigues (2024) aborda a relação entre o território da favela e o protagonismo feminino por meio da análise da performance de Anitta no festival Coachella. A cantora utiliza a favela como cenário e referência cultural em sua performance, representando-a como parte da identidade e cultura brasileiras. Essa abordagem traz implicações tanto no sentido de reforçar a presença feminina em espaços de protagonismo global quanto de tensionar as representações sociais e culturais associadas às favelas.

Segundo Rodrigues (2024), Anitta incorpora elementos do cotidiano das favelas em sua estética e narrativa artística, destacando o funk como uma manifestação cultural de origem periférica, ao mesmo tempo que busca desmistificar e ressignificar estereótipos negativos. Sua performance desafia convenções ao posicionar o espaço da favela como um local de produção cultural relevante e não apenas como um território associado à pobreza e violência. Além disso, a artista utiliza sua trajetória pessoal como mulher nascida na periferia carioca para legitimar a representação e dar visibilidade a outras narrativas femininas que emergem desses contextos.

Ainda segundo o autor, o protagonismo feminino se manifesta também na forma como Anitta negocia sua identidade local com as demandas do mercado global. Ao resgatar suas raízes e traduzi-las para um público internacional, a cantora não apenas promove a cultura brasileira, mas também posiciona mulheres periféricas como agentes centrais na construção e disseminação dessa cultura. Essas representações, no entanto, não estão isentas de críticas. Rodrigues (2024) discute como o protagonismo de Anitta pode ser interpretado como uma estetização da favela que, em alguns casos, homogeniza suas complexidades. Contudo, mesmo com essas ambivalências, o texto conclui que a presença de Anitta no Coachella destaca a relevância das favelas como espaços de potência cultural, consolidando o papel das mulheres na articulação de novas narrativas nacionais e internacionais.

Retornando a edição do Festival WOW de 2023 no Rio de Janeiro, em relação às atrações artísticas escolhidas pela curadoria, o festival apresentou uma programação composta integralmente por mulheres, ainda que nem todas as artistas estivessem diretamente associadas a movimentos de resistência ou militância de gênero. Alguns nomes como Alcione, Deize Tigrona e Carol de Niterói trazem uma representação potente de mulheres negras e periféricas. Embora a presença feminina nos palcos represente avanço em termos de visibilidade, ela não garante, por si só, a subversão dos discursos hegemônicos. Muitas vezes, há uma estetização da diversidade que não se traduz em mudanças estruturais. O desafio reside em integrar representação simbólica com práticas políticas concretas de inclusão, coerência curatorial e escuta ativa. Esse paradoxo é uma das tensões centrais no campo das artes, como aponta Bourdieu.

Segundo Pierre Bourdieu (1996), o campo das artes é uma arena de disputas, onde diferentes agentes competem por legitimidade e capital simbólico. Nesse sentido, o Festival se posiciona como uma arena de reivindicação de representatividade, onde as mulheres, especialmente as periféricas e racializadas, disputam o direito de produzir e circular discursos legitimados sobre si mesmas e sobre o mundo. A realização do Festival em parceria com instituições culturais consagradas, como o Museu de Arte do Rio (MAR), reforça a ideia de “periferia no centro”, aproximando vozes historicamente silenciadas das instituições que moldam a memória e os valores sociais.

Essa territorialização do Festival WOW no Brasil pode ser interpretada à luz da teoria dos campos de Bourdieu, segundo a qual o campo cultural é estruturado por relações de força e disputas por reconhecimento simbólico. Ao se inserir em um território como a Maré, o Festival reposiciona essas disputas, deslocando os centros tradicionais de consagração e propondo novas formas de legitimação da produção cultural, com foco nas vozes femininas e periféricas.

O Festival WOW, ao ser realizado por uma organização atuante no território da Maré, desloca simbolicamente o centro da produção cultural e política para a periferia, desestabilizando hierarquias tradicionais do campo cultural. Ao ocupar tanto os espaços formais da cidade quanto os espaços comunitários da favela, o Festival rompe a lógica da exclusão e reafirma a cultura como instrumento de transformação social. É nesse terreno simbólico que as mulheres, por meio da arte, da palavra e da presença, reivindicam não só visibilidade, mas também a reconfiguração das estruturas de poder que moldam o campo cultural.

2. MULHERES COMO PAUTA DE UM FESTIVAL

Neste capítulo, propõe-se uma análise das quatro dimensões curatoriais que estruturam o Festival WOW no Brasil: empreendedorismo feminino; mulheres nas artes e na cultura; mulheres em diálogo; e ativistas em rede. A partir de cada um desses eixos temáticos, buscamos investigar de que forma o Festival opera como um dispositivo de articulação entre cultura, política e subjetividade, criando um espaço simbólico e concreto de afirmação das experiências femininas. A análise será conduzida com base em uma abordagem qualitativa que combina observações de campo, registros audiovisuais, documentos institucionais e entrevistas realizadas durante a edição de 2023 no Rio de Janeiro. Busca-se, assim, compreender como essas dimensões se entrelaçam e se expressam nas práticas e narrativas construídas ao longo da programação do evento.

Ao longo dos subitens a seguir, serão examinadas as estratégias do Festival para fomentar a autonomia econômica de mulheres por meio do empreendedorismo, valorizar suas expressões culturais na arte e na produção simbólica, fortalecer redes de escuta e partilha através dos espaços de diálogo, e impulsionar ações coletivas por meio da articulação de ativistas em rede. Mais do que categorias estanques, esses eixos são compreendidos como camadas complementares que, articuladas, evidenciam o protagonismo feminino como força transformadora no campo da cultura e da vida pública.

O Festival WOW se estrutura a partir de uma concepção que reconhece a centralidade das mulheres na construção de uma sociedade mais justa, plural e equitativa. Longe de tratar a presença feminina como elemento decorativo ou complementar, o Festival adota as mulheres como pauta, organizando sua programação em torno de dimensões que refletem experiências, saberes e demandas históricas das mulheres em seus mais diversos contextos. Essa escolha reflete o compromisso do Festival com a visibilização das desigualdades estruturais que incidem de maneira desproporcional sobre corpos femininos, sobretudo quando atravessados por marcadores de raça, classe, território, idade, identidade de gênero e orientação sexual.

Os objetivos do Festival incluem fomentar a reflexão, estimulando a análise

crítica das demandas da cidade com diferentes visões, origens e vivências; celebrar as conquistas de meninas e mulheres em um ambiente acolhedor e aberto; promover a troca de saberes, experiências artísticas e profissionais; e incentivar reflexões sobre o impacto das desigualdades estruturais brasileiras na vida das mulheres, especialmente no Rio de Janeiro.

Tais desigualdades se expressam de forma intensificada no cotidiano das mulheres em diversos campos. No mercado de trabalho, por exemplo, dados do IBGE (2022) indicam que as mulheres ganham, em média, 78% do salário dos homens, mesmo quando possuem o mesmo nível de escolaridade e ocupam cargos semelhantes. Além disso, elas ocupam apenas 38% dos cargos de chefia no país, sendo ainda mais sub-representadas nos altos escalões das empresas. A isso se soma a exposição constante ao assédio moral e sexual, frequentemente naturalizado ou silenciado no ambiente profissional. No que se refere à divisão de tarefas ligadas à reprodução social, as mulheres brasileiras dedicam, em média, 21,4 horas semanais ao trabalho doméstico e de cuidados, quase o dobro do tempo dedicado pelos homens (11 horas), segundo dados da Pnad Contínua (IBGE, 2021). Isso configura jornadas múltiplas que impactam diretamente seu bem-estar e acesso a outras oportunidades.

As desigualdades também se manifestam nas formas de violência de gênero: o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023) registrou mais de 245 mil casos de violência doméstica e 1.437 feminicídios no país em 2022, evidenciando a persistência de múltiplas violências — físicas, psicológicas, patrimoniais e morais. No campo da participação política, embora as mulheres representem mais da metade da população brasileira, ocupam apenas 18% das cadeiras na Câmara dos Deputados e 15% no Senado Federal (dados do TSE, 2023). No setor da educação, ainda que meninas apresentem melhor desempenho escolar e sejam maioria entre os concluintes do ensino superior, elas continuam sub-representadas em áreas como ciências exatas e tecnologia, além de enfrentarem barreiras para acessar bolsas de pesquisa e posições de liderança acadêmica (CNPq, 2022).

As dimensões estabelecidas pela curadoria do festival não operam isoladamente, mas se entrecruzam em práticas e reflexões que tensionam o lugar das mulheres na sociedade contemporânea e criam espaços de elaboração coletiva

de resistência, criação e transformação. Ao promover essa organização temática, o Festival não apenas acolhe uma multiplicidade de vozes femininas, como também propõe um modelo de escuta ativa e de circulação simbólica em que as contribuições das mulheres são reconhecidas como centrais para o debate e a transformação social.

Trata-se, portanto, de uma proposta que comprehende a cultura como campo estratégico de disputa e afirmação, onde as mulheres não são apenas convidadas a participar, mas são reconhecidas como protagonistas das narrativas, decisões e criações que moldam a vida pública.

2.1 EMPREENDEDORISMO FEMININO

Dentro do contexto do Festival WOW, o empreendedorismo feminino emerge como um dos pilares centrais, cujo propósito é fomentar e dar visibilidade às iniciativas empresariais capitaneadas por mulheres. Esta dimensão está alinhada à crescente percepção do empreendedorismo como uma ferramenta vital para a autonomia e o desenvolvimento socioeconômico, especialmente para aquelas mulheres que, ao longo da história, enfrentaram obstáculos significativos para ingressar e se manter no mercado de trabalho formal. A informalidade, os baixos salários, a ausência de direitos trabalhistas e o acúmulo de funções domésticas são elementos estruturais que precarizam a experiência laboral das mulheres, sobretudo daquelas negras, periféricas e com baixa escolaridade.

Segundo a PNAD Contínua⁴ (IBGE, 2023), cerca de 43% das mulheres ocupadas no Brasil estavam na informalidade, enquanto entre os homens essa taxa era de 39%. A desigualdade é ainda mais evidente quando cruzada com dados de raça: mais de 50% das mulheres negras trabalham em ocupações informais, sem carteira assinada, sem acesso a direitos previdenciários ou licença-maternidade. Além disso, elas recebem em média 38% a menos do que os homens brancos, mesmo quando ocupam funções semelhantes. A pandemia de Covid-19 acentuou

⁴A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua é uma pesquisa estatística realizada pelo IBGE com o objetivo de produzir informações contínuas sobre o mercado de trabalho e outros aspectos socioeconômicos da população brasileira. Aplicada em amostras domiciliares em todo o território nacional, permite acompanhar com regularidade indicadores como emprego, rendimento, educação e trabalho doméstico

essas disparidades, empurrando milhões de mulheres para fora do mercado de trabalho formal e impulsionando o empreendedorismo por meio da necessidade.

Nesse contexto, o Festival WOW atua não apenas como vitrine, mas como um espaço de resistência e enfrentamento dessa precarização, oferecendo suporte e formação para mulheres que, diante da exclusão sistêmica, encontram no empreendedorismo uma saída possível. No ambiente do Festival, essa proposta se concretiza na Feira de Negócios Delas, um espaço plural onde empreendedoras locais apresentam produtos e serviços que vão de cosméticos naturais a moda sustentável, passando por gastronomia, artesanato e economia criativa. Este ambiente não apenas facilita a comercialização, mas também serve como ponto de encontro para o estabelecimento de redes de solidariedade, trocas de experiências e inspiração mútua.

Nas entrevistas realizadas pelas edições da Revista WOW, publicação digital vinculada à WOW Foundation e às edições locais do Festival, é recorrente o relato de que o empreendedorismo surgiu como resposta à demissão, ao subemprego ou à impossibilidade de conciliar a maternidade com empregos formais. A revista, lançada como desdobramento editorial do festival no Brasil, tem como objetivo registrar histórias de mulheres participantes, compartilhar experiências e ampliar o alcance das reflexões propostas pelo evento. Em um dos relatos, uma expositora da Feira “Negócios Delas” afirma que começou a vender bolos depois que perdeu seu emprego como auxiliar de serviços gerais e hoje sustenta sua casa com as vendas. Esse tipo de relato evidencia a dupla face do empreendedorismo feminino em contextos populares: uma via de afirmação e sobrevivência, mas também uma expressão da precariedade estrutural das relações de trabalho para as mulheres.

Além da feira, o Festival oferece oficinas, mentorias e rodas de conversa voltadas à formação empreendedora com temas como acesso a crédito, gestão financeira, precificação, redes de apoio e marketing digital. Ao reconhecer que o empreendedorismo feminino não se desenvolve de maneira isolada, mas em meio a múltiplas barreiras estruturais, como o machismo, o racismo e a divisão sexual do trabalho, o Festival aposta na formação política e técnica como estratégia de emancipação coletiva.

A ênfase no empreendedorismo feminino representa, portanto, uma compreensão profunda de que, ao apoiar e destacar essas iniciativas econômicas lideradas por mulheres, o Festival contribui para a construção de uma sociedade mais equitativa. O empreendedorismo cultural, apesar dos riscos e incertezas inerentes, representa uma avenida importante para a autonomia, expressão e afirmação identitária, sobretudo para grupos historicamente marginalizados. O Festival WOW, nesse sentido, atua como catalisador de protagonismo econômico e simbólico das mulheres, transformando o que muitas vezes é um caminho solitário de sobrevivência em espaço de reconhecimento, autonomia e transformação coletiva.

Regina Facchini (2011) associa festivais, como o LadyFest Brasil, ao protagonismo feminino destacando como esses eventos são criados por e para mulheres, servindo como espaços culturais e políticos que promovem visibilidade e ação coletiva. Esses festivais expressam uma versão de feminismo que enfatiza o empoderamento das mulheres por meio de atividades criativas e autônomas, como a organização de shows, debates e oficinas. Além disso, os festivais incentivam as participantes a se expressarem livremente, fortalecendo a identidade coletiva e individual dentro do contexto do ativismo social e da produção cultural alternativa.

Embora o artigo não utilize explicitamente o termo "empreendedorismo feminino", ele descreve práticas e iniciativas que se alinham a esse conceito, especialmente no sentido de mulheres criando e liderando seus próprios espaços de atuação, mobilizando recursos e redes para promover mudanças culturais e sociais. Essa abordagem destaca a capacidade das mulheres de transformar espaços e criar oportunidades em contextos onde enfrentam desafios estruturais.

O artigo de Regina Facchini aborda aspectos relacionados ao empreendedorismo feminino, mas dentro de um contexto cultural e político específico. Em vez de tratar do empreendedorismo tradicional, o texto explora como as mulheres da cena *riot grrrl*⁵ constroem e lideram iniciativas culturais e políticas de forma autônoma e colaborativa, características que podem ser entendidas como

⁵Movimento feminista punk surgido nos Estados Unidos no início dos anos 1990, articulado por jovens mulheres que utilizavam bandas, publicações independentes e performances como formas de protesto contra o machismo na cena musical e na sociedade em geral. Misturava estética DIY (faça você mesma), política radical e empoderamento feminino, influenciando gerações de artistas e ativistas.

formas de empreendedorismo cultural. Um exemplo importante é a criação e organização de festivais, como o LadyFest Brasil, descrito como um evento organizado por e para mulheres, que combina shows, debates, oficinas e exposições, realizado de forma independente e com base no princípio do "faça você mesma" (do inglês, Do It Yourself, ou DIY). Além disso, as participantes da cena produzem fanzines⁶, músicas e eventos, utilizando a internet para divulgar suas ideias e projetos, criando um mercado alternativo e formas próprias de expressão.

Essa autonomia reflete uma dimensão de empoderamento que incentiva as mulheres a assumirem o controle de suas expressões culturais, técnicas e artísticas, muitas vezes em espaços tradicionalmente dominados por homens, como a música e a produção cultural.

Lila Foster (2021) associa festivais culturais ao empreendedorismo feminino ao abordar como eventos como o Festival de Cinema Amador do Jornal do Brasil proporcionam um espaço de experimentação, expressão e visibilidade para jovens cineastas e artistas. Embora o texto foque mais amplamente na juventude e na inovação cultural, há um reconhecimento implícito do papel das mulheres como agentes de transformação nesse contexto. O festival, realizado entre 1965 e 1970, fomentou o surgimento de novos talentos e a representação de questões estéticas e políticas que dialogavam com as transformações culturais e sociais da época. Nesse ambiente, jovens cineastas, incluindo mulheres, tiveram a oportunidade de explorar temas como resistência política, questionamento social e inovação artística. Assim, o festival operou como um espaço de protagonismo jovem e, por extensão, feminino, ao abrir caminhos para novas perspectivas na produção cinematográfica brasileira.

Ambas as iniciativas operam como plataformas de ação coletiva e visibilidade, nas quais o fazer cultural se entrelaça com práticas de autonomia, produção e circulação de conhecimento. No entanto, enquanto o Ladyfest se estrutura historicamente a partir de uma lógica de autogestão e resistência às formas tradicionais de mercado — com forte influência das culturas punk e DIY — o Festival WOW articula o empreendedorismo a partir de uma perspectiva ampliada, que

⁶ Publicação independente e artesanal, geralmente de pequena tiragem, criada por entusiastas de determinado tema (música, política, literatura, etc.). Tem origem na cultura punk e nas contraculturas dos anos 1970 e 1980, sendo um importante meio de expressão alternativa e difusão de ideias marginalizadas dos circuitos comerciais e institucionais.

reconhece a potência econômica das mulheres sem dissociá-la das questões de raça, território, cuidado e justiça social. O empreendedorismo, nesse contexto, não é apenas um mecanismo de geração de renda, mas também um meio de fortalecimento subjetivo e político, que se inscreve em redes de solidariedade e em processos de reconstrução simbólica dos papéis sociais das mulheres. Ao conectar essas duas experiências, é possível perceber que, embora partam de estratégias distintas, tanto o WOW quanto o Ladyfest reafirmam a centralidade das mulheres na criação de ecossistemas sustentáveis, afetivos e politicamente comprometidos com formas mais igualitárias de estar e produzir no mundo.

2.2 MULHERES EM DIÁLOGO E ATIVISTAS EM REDE

Outra dimensão essencial do Festival WOW reside na criação de espaços de diálogo e conexão entre suas participantes. Através de rodas de conversa, painéis interativos e grupos de reflexão, o Festival oferece oportunidades significativas para que mulheres de diferentes origens e trajetórias possam compartilhar suas experiências, debater questões relevantes e construir redes de apoio mútuo .

As dimensões “Mulheres em Diálogo” e “Ativistas em Rede” conformam dois dos eixos mais pulsantes da proposta curatorial do Festival WOW, ao construírem espaços voltados para a escuta, a partilha de experiências e a articulação de práticas coletivas entre mulheres de diferentes contextos. Não se trata apenas de reunir vozes, mas de criar condições para que essas vozes se entrelacem de maneira crítica e produtiva, ativando uma rede viva de conexões, afetos e proposições. Nesse sentido, o diálogo não é compreendido como fim em si mesmo, mas como ferramenta de elaboração política e construção de sentido.

O eixo Mulheres em Diálogo é apresentado como o coração do Festival, reunindo cerca de 300 mulheres de 16 países em debates abertos e sensíveis sobre temas estruturantes da vida social. Sua dinâmica é organizada em sete formatos distintos, cada um com foco específico: Territórios de Partilha, Rodas de Conversa, Trocas de Experiências, Fóruns de Vivência, Palavras Compartilhadas, Compartilhando Trajetórias e o intimista Vidas em Conexão. Essa multiplicidade de formatos permite que os diálogos transitem entre o político e o afetivo, entre o

individual e o coletivo. Um exemplo marcante foi o diálogo entre Conceição Evaristo e Anelis Assumpção na mesa “Escrever o amor e o afeto”, que tensionou os vínculos entre memória, linguagem e construção de mundos possíveis. Outro destaque foi a roda “Mulheres, raça e a violência estatal”, com Dina Alves e Bruna Silva, que abordou os impactos da violência institucional sobre corpos racializados.

A dimensão “Mulheres em Diálogo” se expressa por meio de rodas de conversa, painéis e grupos de reflexão em que as participantes compartilham suas trajetórias, angústias, estratégias de resistência e visões de mundo. Essas trocas ocorrem em um ambiente intencionalmente construído para a escuta ativa, o acolhimento das diferenças e o reconhecimento das múltiplas formas de existir e resistir. Ao valorizar as subjetividades e os saberes situados, o Festival reafirma seu compromisso com uma abordagem interseccional que recusa modelos únicos de vivência feminina e se abre à pluralidade de experiências, especialmente aquelas historicamente silenciadas ou marginalizadas.

Já o eixo Ativistas em Rede foi construído a partir de uma chamada pública, com o objetivo de dar visibilidade a iniciativas coletivas – formais e informais – atuantes na cidade e no estado do Rio de Janeiro. Foram selecionadas propostas formuladas por mulheres, coletivos e organizações que atuam nos territórios com práticas voltadas para a justiça social, os direitos humanos, a cultura e a equidade de gênero. A curadoria do edital considerou, entre outros critérios, a relevância das ações propostas, a coerência com os princípios do Festival e o compromisso com a transformação dos contextos de origem. Assim, o Festival atua como catalisador de iniciativas já em curso, ao mesmo tempo em que amplia o alcance e a visibilidade dessas experiências. Ele funcionou como um espaço de encontro e intercâmbio entre coletivos, movimentos e organizações da sociedade civil, priorizando a mobilização de ativistas que participaram dos “grupos de reflexão” realizados previamente na Maré e no Museu de Arte do Rio.

As atividades selecionadas para esse eixo buscaram refletir a diversidade temática e territorial do festival, promovendo diálogos sobre justiça ambiental nas favelas, acolhimento a mulheres em contextos de violência, políticas de cuidado e articulações quilombolas e indígenas em contextos urbanos. Um exemplo significativo foi a roda “Pajelança feminina”, protagonizada por mulheres indígenas

do povo Pataxó Hähähäe, que aliou espiritualidade, política e cura como formas de resistência coletiva. Também se destacaram as rodas “Juventudes Negras”, “Quilombos e Aldeias em Contextos Urbanos” e a oficina “Além do skincare”, do coletivo Favela Terapia, que propôs uma abordagem sensível sobre saúde mental e cuidado em territórios vulnerabilizados.

Na edição de 2023, as conversas e atividades aconteceram de forma gratuita no Museu de Arte do Rio (MAR), com a presença de representantes de ONGs, instituições, mulheres e ativistas. O encontro foi uma oportunidade para ativar redes e conectar pessoas, grupos e coletivos em torno da agenda do Festival, destacando a importância da diversidade e pluralidade. Esses espaços de diálogo são particularmente importantes no contexto brasileiro do Festival WOW, onde as interseções de gênero, raça e classe influenciam de maneira profunda as experiências e os desafios enfrentados por essas mulheres. Ao promover a escuta ativa e o acolhimento das múltiplas vozes presentes, a dimensão de diálogos do Festival se torna um ponto focal para a formação de redes de ativismo, fortalecendo a articulação e mobilização em torno de questões femininas. Andreza Jorge, pesquisadora e escritora participante do evento, relatou em entrevista à nossa equipe: “A gente pensa que nossa experiência está muito localizada, mas quando a gente chega em um festival como esse, de mulheres do mundo, trazendo perspectivas diversas, a gente tem a possibilidade de conectar aquilo que nos une”. Ana Helena Mendes, representante de um dos coletivos sociais presentes na programação, define o festival como “um festival de colaboração entre mulheres, para que elas possam se fortalecer e lutar contra toda forma de opressão”.

Ao promover o encontro entre ativistas, artistas, educadoras, comunicadoras, lideranças comunitárias e representantes de movimentos sociais, o Festival possibilita a criação de redes de apoio e colaboração que se estendem para além do tempo e do espaço do evento. A praça, o palco e as rodas tornam-se territórios de produção coletiva, em que o compartilhamento de saberes se transforma em ação, e a troca de experiências em alianças políticas. As atividades selecionadas no edital, como oficinas, intervenções artísticas, rodas de escuta e propostas formativas, revelam a diversidade das pautas e a potência da ação em rede, fortalecendo a presença das mulheres como protagonistas de seus territórios.

As ativistas em rede desempenham um papel crucial na perpetuação e disseminação dos ideais promovidos pelo Festival WOW. Ao retornarem para suas comunidades, essas mulheres levam consigo o aprendizado, as conexões e a inspiração adquiridos durante o evento, multiplicando assim seus impactos. Desta forma, o WOW se estabelece como um espaço de empoderamento e construção de redes de ativismo feminino.

Cristiane Berselli, Edar da Silva Añaña e Fabrícia Durieux Zucco (2021) associam festivais ao ativismo feminino de forma indireta, ao abordar como eventos culturais, como o Festival Internacional SESC de Música, contribuem para o fortalecimento do senso de pertencimento e orgulho comunitário, aspectos que podem ser vinculados a ações de mobilização social e engajamento.

Embora o foco principal seja na qualidade de vida e no impacto comunitário, os resultados destacam que a participação no festival envolve fortemente as mulheres, tanto como público predominante quanto como agentes culturais. Essa presença massiva das mulheres no evento reflete uma forma de ativismo cultural, ao utilizarem o espaço do festival para promover interações sociais e reforçar identidades locais. Assim, o festival atua como um espaço onde o ativismo feminino se manifesta, mesmo que o texto não aborde explicitamente essa perspectiva. Segundo Berselli et al, (2021),

Os festivais criam um senso de comunidade por permitirem interação social, lazer e recreação, alinhados com as afirmações de Yolal et al. (2016) e Gursoy et al. (2004). Neste sentido, a autoidentificação com o festival é um importante contributo pelo seu efeito psicológico (o orgulho gerado) na comunidade, que se reflete na qualidade de vida. (p. 12)

Nesta passagem, o trabalho de Berselli et al (2021) evidencia como os festivais promovem um senso de pertencimento e identificação comunitária. Quando associado à predominância feminina na amostra, reforça a ideia de que as mulheres utilizam esses espaços para atuar de forma ativa na construção de vínculos comunitários e culturais, o que pode ser interpretado como uma forma de ativismo coletivo e cultural.

Essa dimensão de articulação é especialmente significativa quando situada no contexto de um festival realizado em uma cidade marcada por desigualdades profundas e por uma histórica exclusão das mulheres, sobretudo negras e

periféricas, dos espaços de decisão, como é o caso do Rio de Janeiro. Ao ocupar o espaço público com vozes múltiplas e articuladas, o Festival abre espaços na cidade que funcionam como palco de escuta, elaboração e visibilidade, ressignificando o lugar das mulheres nos debates sobre cultura, política e direitos. É nesse cruzamento entre fala, ação e presença que o Festival WOW reafirma sua vocação como espaço de fortalecimento das redes de mulheres e como dispositivo de transformação social a partir do encontro e das trocas.

2.3 MULHERES NAS ARTES E NA CULTURA

A quarta dimensão do Festival WOW refere-se à representatividade e ao protagonismo das mulheres nas artes e na cultura. Por meio de exposições, performances, workshops e espetáculos, o Festival celebra a produção artística e cultural liderada por mulheres, valorizando suas narrativas, expressões e perspectivas únicas. A dimensão “Mulheres nas Artes e Cultura” do Festival WOW opera como um dispositivo estético e político de visibilidade e afirmação do protagonismo feminino nos campos da criação, da memória e da experimentação. Nesse eixo, a presença das mulheres não se restringe à cena artística como objeto de contemplação, mas se manifesta como força produtora de sentido, crítica e transformação. Ao reconhecer nas artes um território simbólico de disputa, o Festival propõe uma ocupação efetiva desses espaços por mulheres diversas, sobretudo aquelas historicamente marginalizadas das narrativas oficiais da cultura.

A programação do eixo incluiu uma ampla variedade de expressões artísticas e culturais, como performances, espetáculos teatrais, intervenções de rua, shows, rodas de conversa, exposições e oficinas, configurando uma cartografia de linguagens em diálogo com os corpos, os afetos, os saberes e as insurgências femininas. As apresentações de artistas como Alcione, MC Carol e Deize Tigrona, por exemplo, não foram apenas atrações musicais, mas atos de presença e celebração da potência criativa de mulheres negras e periféricas no cenário da música brasileira contemporânea. Da mesma forma, os espetáculos teatrais como *Mulheres ao Vento* e *Noite das Estrelas* evocaram narrativas coletivas de resistência

e imaginário popular, reafirmando a arte como campo de elaboração simbólica da experiência feminina.

As exposições de artes visuais também desempenharam papel central nesse processo de reconhecimento e reconfiguração das histórias contadas sobre e pelas mulheres. No Museu de Arte do Rio, a mostra “*Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os Brasileiros*” apresentou a escritora como figura fundadora de uma estética e política da palavra negra, resgatando sua trajetória como escritora, artista e símbolo de luta. Já a exposição *FUNK: Um Grito de Liberdade e Ousadia* destacou o papel pioneiro de mulheres no cenário do funk carioca, revelando o quanto essa manifestação cultural tem sido espaço de afirmação de identidades, desejos e insurgências femininas, em uma cena ainda marcada por desigualdades de gênero e classe. Outra contribuição relevante foi trazida pela exposição de Nádia Taquary⁷, que, a partir das cosmologias afro-diaspóricas, propôs uma poética do feminino negro em diálogo com Exu e Ogum, tensionando os limites entre arte, religiosidade e identidade. Essa pluralidade de vozes e formas reafirma o compromisso do Festival com a valorização das estéticas periféricas, indígenas, negras, populares e dissidentes, ampliando o repertório simbólico e descolonizando as referências tradicionais da arte e da cultura.

Além disso, o Festival promove discussões e reflexões sobre o papel transformador da cultura como ferramenta de empoderamento e mudança social. As atividades artísticas e culturais do WOW, portanto, não se limitam ao entretenimento, mas se constituem como espaços de resistência, denúncia e proposição de novos caminhos para a equidade de gênero. Mais do que reunir produções artísticas, o Festival construiu um ambiente de criação e circulação de sentidos onde as mulheres são, simultaneamente, sujeitos e autoras de suas narrativas. Ao colocar em cena corpos diversos, territórios marginalizados e histórias muitas vezes silenciadas, o WOW reconfigura os espaços culturais como arenas de disputa e transformação. Nesse processo, a arte deixa de ser apenas um instrumento de

⁷ Nádia Taquary (Salvador, 1967) é artista visual e escultora baiana. Em sua produção, que inclui esculturas, objetos, instalações e videoinstalações, a artista investiga a ancestralidade africana e a história do povo negro no Brasil, com atenção especial à joalheria crioula, adornos corporais e cosmologias africanas como as tradições yorubás. Taquary busca desconstruir narrativas eurocêntricas, patriarciais e eugênicas, enfatizando o protagonismo feminino negro.

expressão individual e passa a operar como ferramenta política de intervenção e mobilização coletiva

Ao integrar essas quatro dimensões – empreendedorismo feminino, mulheres em diálogo, ativistas em rede, e mulheres nas artes e cultura –, o Festival WOW demonstra uma compreensão abrangente da complexidade das questões de gênero, comprometendo-se em abordá-las de maneira multifacetada. Essa abordagem integral reflete a visão do Festival como uma plataforma de empoderamento, que visa criar transformações duradouras na vida das mulheres e na sociedade como um todo.

Santos e Tedesco (2017) analisam a relação entre festivais e o protagonismo feminino no audiovisual, com destaque para o FINCAR – Festival Internacional de Cinema de Realizadoras, que exemplifica como eventos voltados exclusivamente para mulheres diretoras podem fortalecer suas vozes e ampliar suas representações. O FINCAR, criado em 2016, apresenta uma abordagem inclusiva ao selecionar apenas filmes dirigidos ou co-dirigidos por mulheres, além de ter uma equipe inteiramente feminina. Ele promove debates sobre autoria, gênero e formas narrativas, enfatizando a descentralização geográfica e cultural da produção audiovisual.

Além disso, as autoras contextualizam a importância de festivais como ferramentas para subverter hierarquias históricas no cinema, que tradicionalmente excluíram mulheres da posição de realizadoras. Festivais femininos ajudam a destacar narrativas que priorizam olhares e experiências femininas, contribuindo para combater estereótipos e consolidar espaços para mulheres em um mercado predominantemente masculino. Essa abordagem reforça o protagonismo feminino ao proporcionar visibilidade, legitimar histórias contadas por mulheres e inspirar novas cineastas. Ao mesmo tempo, esses eventos servem como plataformas de articulação política e criativa, fomentando redes de apoio e colaboração entre realizadoras e o público.

Rodrigo Monteiro e Christine Greiner (2020) associam festivais ao protagonismo feminino, em particular no caso do Festival Olhares Sobre o Corpo, ao destacarem como esses eventos funcionam como espaços de criação e troca que vão além da simples apresentação artística. O festival visava promover a

democratização do acesso à arte e incentivava a participação ativa da comunidade local, incluindo artistas e público, na construção de narrativas culturais e políticas. A liderança feminina, representada por Fernanda Bevílaqua, foi central para a organização e direcionamento do festival, propondo um modelo que valorizava a coabitação entre o global e o local (*glocal*⁸) e a interação entre diferentes agentes culturais.

O protagonismo feminino é evidenciado pela capacidade de organizar o evento de forma autônoma, superar limitações financeiras e criar práticas de doação e colaboração que reforçam os valores comunitários e culturais. Assim, o Festival Olhares Sobre o Corpo, não apenas apresentava espetáculos, mas também incentivava trocas estéticas, sociais e políticas, criando um espaço de resistência cultural que exemplifica uma forma de empoderamento feminino por meio da ação coletiva e artística.

A dimensão das artes no Festival WOW não se limita ao entretenimento ou à fruição estética. Trata-se de um campo de visibilidade e de projeção de subjetividades femininas plurais, onde se constroem possibilidades de existir, resistir e imaginar outros mundos possíveis. Em tempos marcados por retrocessos nas políticas culturais e pelo apagamento de vozes dissidentes, como a extinção do Ministério da Cultura em 2019, a censura a projetos com temáticas LGBTQIA+ e o esvaziamento de órgãos de fomento a cultura, somados ao crescente apagamento de vozes dissidentes durante a ascensão de governo da extrema direita, essa aposta na arte como espaço de afirmação e reinvenção coletiva se revela uma das chaves mais potentes da proposta do Festival.

Como produtora audiovisual, a vivência no Festival me colocou diante de um cenário inédito: pela primeira vez em minha trajetória, participei de uma equipe técnica formada integralmente por mulheres. Esse dado, aparentemente técnico, foi politicamente revelador. Em experiências anteriores, era comum identificar a centralidade técnica ser ocupada por homens. No WOW, as câmeras, os microfones, os cortes de cena estavam nas mãos de mulheres que, como eu, enfrentaram o

⁸ Termo resultante da junção das palavras *global* e *local*, utilizado para descrever práticas, estratégias ou fenômenos que articulam dinâmicas globais com especificidades locais. No campo da cultura, refere-se à capacidade de adaptar agendas e discursos universais às realidades socioculturais de cada território, promovendo um diálogo entre escalas e contextos distintos.

duplo desafio de dominar os equipamentos e de ocupar simbolicamente esse lugar historicamente negado. Essa experiência ampliou meu entendimento sobre o alcance da cultura como ferramenta de reconfiguração de papéis sociais e confirmou meu compromisso com a construção de espaços de produção mais inclusivos.

Partindo da minha experiência como produtora audiovisual na edição de 2023, um dos aspectos que mais me chamaram atenção foi a busca pela coerência entre o discurso e a prática em relação a proposta de ser um evento protagonizado por mulheres. Não se tratava apenas de falar sobre protagonismo feminino, mas de efetivá-lo: desde a curadoria de temas e convidadas, até a composição das equipes técnicas e operacionais. Havia ainda uma preocupação real com a criação de espaços seguros para trocas entre mulheres, incluindo, por exemplo, a disponibilização de um ambiente destinado ao cuidado infantil, o que permitia a participação de mães sem que estas precisassem se ausentar das atividades do evento. Essa atenção aos detalhes revela uma compreensão profunda sobre os desafios ou mesmo sobre as múltiplas barreiras enfrentadas por mulheres, especialmente aquelas em contextos periféricos e a necessidade de eliminá-las na prática cultural.

Ao assumir a posição de pesquisadora de uma experiência na qual estive diretamente envolvida como produtora audiovisual, encontrei tensões metodológicas e éticas importantes. A proximidade com o objeto de estudo trouxe aberturas, como o acesso a informações e a capacidade de leitura sensível dos bastidores e nuances do evento. No entanto, também exigiu um constante exercício de distanciamento crítico e autorreflexão. Foi necessário delimitar claramente os papéis desempenhados em cada momento – como produtora e como pesquisadora – e estabelecer estratégias para não deixar que o engajamento com as questões de gênero compromettessem a análise.

Ao mesmo tempo em que reconhecia o potencial transformador do Festival e seu impacto na promoção do protagonismo feminino, também me deparei com contradições internas, disputas de narrativas e limites operacionais que não podiam ser ignorados no trabalho. Assumir essas contradições como parte integrante do campo e da pesquisa foi uma escolha ética e epistemológica, que contribuiu para a

complexidade e a densidade do estudo, sem abrir mão do compromisso político que orientou a escolha do tema.

Entre os conflitos que emergiram ao longo da pesquisa, destacou-se a tensão entre o discurso institucional do Festival — centrado na celebração do protagonismo feminino, da diversidade e da sororidade — e a realidade vivida por muitas das mulheres trabalhadoras envolvidas na sua execução. Questões como a sobrecarga de trabalho, a precarização de vínculos, a invisibilização de determinadas funções e a desigualdade de reconhecimento entre cargos revelaram dissonâncias entre a narrativa pública do evento e sua prática interna. Reconhecer essas fissuras não significou deslegitimar o Festival, mas sim compreender que práticas culturais, mesmo com propostas progressistas, também reproduzem dinâmicas desiguais que merecem ser investigadas.

A terceirização de serviços, por exemplo, implicou formas de contratação marcadas pela informalidade ou por regimes precarizados, como trabalho temporário sem vínculo empregatício, contratos de prestação de serviço e até voluntariado informal. Algumas mulheres, fundamentais para o funcionamento do Festival, estavam submetidas a jornadas exaustivas, remuneração desigual e pouca visibilidade dentro da estrutura do evento.

Essas condições evidenciam um descompasso entre a narrativa pública do Festival e suas práticas organizacionais. Enquanto algumas mulheres ocupavam posições de destaque na curadoria e na produção artística, outras vivenciavam formas de exclusão dentro do mesmo espaço que se pretendia inclusivo.

3. SOCIALIZAÇÃO E LEGADO DO FESTIVAL WOW

Neste capítulo, a análise se volta para as vivências proporcionadas pelo Festival WOW Rio 2023 a partir de uma perspectiva situada, ancorada na minha atuação como produtora audiovisual durante o evento. Com base em entrevistas, registros de bastidores e escutas realizadas nos espaços do festival, busco refletir sobre as formas de produção de sentido, afeto e articulação política que emergem dessas experiências. Se nos capítulos anteriores foram abordadas a trajetória do Festival e suas estratégias curatoriais como plataforma global e interseccional, aqui o foco se desloca para a escuta de vozes e narrativas que compõem a trama viva do evento. O capítulo se organiza em torno de três eixos: o território como espaço de sociabilidade e disputa simbólica (3.1), os legados e articulações das lideranças femininas (3.2) e, por fim, os atravessamentos entre experiência pessoal e construção coletiva (3.3), buscando evidenciar como o Festival opera como um campo de afetos, memórias e resistências femininas.

Vivenciar o Festival WOW na prática foi compreender a força dos laços que se formam quando mulheres se reúnem não apenas para falar, mas também para escutar. A escuta foi o maior ensinamento que levei dessa experiência: escutar as mulheres vítimas de violência nas rodas de conversa, escutar as artistas em seus palcos, escutar as técnicas em seus bastidores. E, ao mesmo tempo, perceber que eu também era escutada. Numa dinâmica de produção muitas vezes marcada por hierarquias rígidas e ritmos impiedosos, o WOW foi um raro momento em que o fazer cultural foi também um espaço de afeto e de encontro, sinalizando possibilidades concretas, embora ainda incipientes e limitadas, de transformação nas formas tradicionais de organização e realização de eventos culturais. .

A partir da minha perspectiva sobre o objeto, o Festival WOW não é apenas um evento cultural; ele é uma plataforma viva de interação, encontro e troca. Desta maneira, o Festival busca assumir o papel de um espaço simbólico de pertencimento e de construção de laços comunitários, onde a sociabilidade floresce pela partilha de experiências entre mulheres de diversas realidades e trajetórias. Essa dinâmica pode ser compreendida à luz da reflexão de Georg Simmel (2006) , para quem a sociabilidade é uma forma pura de interação social, despojada de interesses utilitários imediatos, em que o valor está na própria relação estabelecida: “a

sociabilidade converte os elementos da vida real em elementos de jogo, cuja substância consiste exclusivamente no valor da associação” (Simmel, 2006, p. 130). Nesse sentido, o WOW proporciona não apenas a construção de redes com fins estratégicos, mas também a experiência do estar-junto, que em si já possui valor formativo, político e afetivo.

No contexto do WOW Brasil, essa troca torna-se ainda mais significativa ao ocorrer em um território como o Rio de Janeiro, onde as questões de gênero, raça e classe se entrelaçam de forma estruturante. A cidade é marcada por desigualdades históricas profundamente enraizadas, com uma geografia urbana segregada que opõe os espaços do privilégio, majoritariamente brancos e ricos, aos territórios populares e periféricos, majoritariamente negros e pobres. Segundo dados do IBGE (2022), mais de 60% da população residente em favelas do Rio é negra, e essas áreas concentram índices elevados de feminização da pobreza, violência de gênero e exclusão dos serviços públicos. Ainda segundo o IBGE, as mulheres negras da cidade enfrentam as maiores taxas de desemprego, informalidade e violência letal, compondo um retrato claro da interseccionalidade da opressão vivida no cotidiano urbano.

Nesse cenário, o Festival WOW atua como contraponto à lógica excludente da cidade, criando espaços de escuta, circulação simbólica e produção de vínculos entre mulheres que vivem em realidades socialmente distintas, mas que compartilham formas de resistência e afirmação em comum. Ao promover o encontro entre essas trajetórias, o Festival contribui para o fortalecimento de redes de apoio, o reconhecimento de saberes periféricos e a intensificação da luta por representatividade e justiça social nos diversos campos da vida pública.

3.1 SOCIALIZAÇÃO E COMUNIDADE

A proposta do Festival vai além do oferecimento de palestras e atividades culturais; ele visa criar um verdadeiro espaço de sociabilidade. No WOW, essa interação permite que as mulheres compartilhem suas histórias e se reconheçam em um espaço seguro, onde a vulnerabilidade e o fortalecimento caminham juntos.

Esse ambiente de sociabilidade promovido pelo Festival WOW carrega uma intenção transformadora ao conectar mulheres de diferentes regiões e condições sociais do Rio de Janeiro. Por meio de atividades, rodas de conversa e encontros afetivos e políticos, o Festival estimula uma interação que vai além do casual: promove uma experiência de escuta, troca e reconhecimento mútuo. Em toda a programação, ao menos uma dessas características se faz presente. Cada história compartilhada cria um laço, uma rede que fortalece a autoestima das mulheres e contribui para a construção de um senso de comunidade e pertencimento.

Esse pertencimento é crucial, pois, historicamente, a ocupação de espaços de fala e visibilidade sempre foi limitada para as mulheres – e ainda mais para aquelas que vêm de favelas, territórios indígenas e periferias. Como disse Irone Santiago, uma das Mães da Maré⁹ retratadas na primeira edição da Revista WOW: “Transformei a dor em luta. Hoje eu ando pelo mundo falando o nome do meu filho para que outras mães não passem pelo que eu passei.” Essa fala ilustra com força a potência política da escuta e da visibilidade que o festival propicia. Não se trata apenas de dar voz, mas de criar condições para que vozes sejam ouvidas e valorizadas em sua integralidade.

No mesmo sentido, Mariana Aleixo, coordenadora da Casa das Mulheres da Maré, ressalta em entrevista a Revista WOW: “A gente constrói esse espaço para que outras mulheres saibam que podem falar, podem gritar, podem existir do jeito que são.” A criação de espaços como o WOW e a Casa das Mulheres opera como

⁹ Movimento formado por mulheres moradoras do conjunto de favelas da Maré, no Rio de Janeiro, que tiveram seus filhos assassinados ou encarcerados em decorrência da violência do Estado. O grupo atua em defesa da memória dos jovens vítimas da letalidade policial, pelo acesso à justiça e contra a militarização das favelas. Por meio de denúncias públicas, mobilizações sociais e produção de memória, as MÃes da Maré transformam o luto em luta e se posicionam como importantes agentes no enfrentamento do genocídio da juventude negra e periférica.

contraponto simbólico e concreto a um cotidiano marcado pela negação de direitos, pelo silenciamento e pela violência institucional.

A escuta coletiva e o vínculo afetivo entre mulheres encontram eco na ideia de “cidades feministas” proposta por Leslie Kern (2021), segundo a qual o espaço urbano é historicamente planejado para atender a um sujeito masculino, branco e heteronormativo. O Festival, ao construir espaços simbólicos e práticos de pertencimento, disputa essa lógica excludente e promove novas formas de habitar a cidade — centradas no cuidado, na pluralidade e na escuta

Essa articulação entre corpo, espaço e direito à fala encontra respaldo na reflexão de Leslie Kern (2021), para quem a cidade tradicionalmente “falha em atender as necessidades das mulheres e de outros grupos marginalizados, porque foi planejada para um cidadão universal que, na prática, é masculino, branco, de classe média e heterossexual” (Kern, 2021, p. 26). Nesse sentido, criar espaços como o WOW é também disputar a cidade – seus significados, usos e formas de habitar – a partir de uma perspectiva feminista interseccional, onde as mulheres, especialmente aquelas historicamente invisibilizadas, tornam-se protagonistas da vida pública.

Cada uma dessas falas revela que o protagonismo feminino não se exerce apenas nos palcos ou nas instituições, mas também nas tramas miúdas da vida cotidiana – nas cozinhas coletivas, nos grupos de mães, nas rodas de leitura, nas oficinas de formação, nos atos de cuidado compartilhado. O Festival WOW, ao reunir e reconhecer essas experiências, reforça a ideia de que a construção de uma comunidade de mulheres implica tanto a afirmação de singularidades quanto o cultivo da solidariedade.

A comunidade da Maré é diversa e muito complexa em termos de demandas sociais. As cenas naturalizadas do mercado ilegal de drogas e a exposição permanente a confrontos armados incidem sobre o cotidiano das pessoas residentes de modo inexorável, com implicações mais intensas sobre a vida das mulheres mães.

Entre os textos mapeados na pesquisa bibliográfica sobre protagonismo feminino, há um enfoque diferenciado sobre o lugar das mulheres na estrutura de poder do tráfico, que embora interessante para pensar as lógicas estruturais de

poder, não parece ser o caso das relações existentes neste mercado na Maré. Em um dos artigos levantados, Mariana Barcinski e Sabrina Cúnico (2016) analisam a resistência e a potência feminina em territórios conflagrados pela violência urbana a partir das histórias de Denise e Vanessa, duas mulheres envolvidas no tráfico de drogas no Rio de Janeiro. O argumento central é que, embora elas sejam vítimas de um sistema que limita suas escolhas, ambas mulheres exercem um protagonismo marcado pela apropriação de papéis tradicionalmente masculinos, como o uso da violência e a liderança em contextos criminalizados.

O texto evidencia que Denise e Vanessa desafiam normas de gênero ao assumirem posições de destaque no tráfico, mas o fazem dentro dos limites impostos pelas estruturas patriarcais e pela dinâmica de poder masculino. Sua ascensão no tráfico está vinculada à subjugação de outras mulheres e à identificação com traços de masculinidade, como coragem e agressividade. As autoras destacam a contradição entre a autonomia parcial conquistada por essas mulheres e as barreiras estruturais que restringem o pleno exercício de seu poder, remetendo ao conceito de “pequeno poder” de Saffioti (2004).

Portanto, o estudo apresenta o protagonismo feminino em territórios marcados pela violência urbana como uma forma de resistência, mas também como uma reafirmação das estruturas de dominação masculina, revelando a complexidade das trajetórias femininas nesses espaços. A discussão proposta por Barcinski e Cúnico (2016) sobre as complexas posições ocupadas por mulheres no contexto do tráfico — simultaneamente marcadas pela vitimização e pelo protagonismo — permite lançar luz sobre outras formas de atuação feminina em territórios vulnerabilizados, como é o caso das mulheres da Maré.

No contexto do Festival WOW, observa-se como essas mulheres, muitas vezes atravessadas por dinâmicas de exclusão, violência e silenciamento, também constroem formas próprias de resistência, articulação política e produção de sentido. Ao mobilizar essas vozes e experiências no centro de sua programação, o Festival não apenas reconhece essas subjetividades como legítimas, mas também contribui para sua reconfiguração enquanto agentes de transformação. Assim, a potência do evento reside em sua capacidade de tensionar os limites entre vulnerabilidade e

força, revelando o protagonismo feminino em sua multiplicidade, para além das categorias normativas e estigmatizantes.

3.2 LEGADO DO FESTIVAL NO BRASIL

Um dos muitos legados do WOW é realizar um mapeamento de lideranças mulheres e instituições e organizações voltadas para o público feminino na cidade do Rio de Janeiro. O levantamento, que é o primeiro do tipo, nos ajuda a compreender melhor o contexto e a relevância da atuação política de mulheres na cidade. Segundo o site oficial do Festival Mulheres do Mundo,

(...) a pesquisa identificou 204 líderes locais e 235 organizações governamentais, não governamentais e do setor privado. As áreas com maior número de instituições atuantes são: justiça (36); saúde (28); arte e cultura (29), academia, ciências e pesquisa (20) e mídia e comunicação (10). A maioria das organizações tem como foco a cidade do Rio de Janeiro como um todo (73); 61 são plataformas virtuais.

Os objetivos dessas instituições estão relacionados às várias questões da mulher contemporânea: combate à violência doméstica e familiar; mobilização para causas feministas ou LGBTQ+; justiça; temas étnico-raciais; saúde; formação de agentes de transformação; combate ao preconceito e discriminação; promoção e fortalecimento dos direitos das mulheres; espaços de acolhimento; intervenções urbanas; promoção de encontros; produção e disseminação de conhecimento; cursos; coletivos femininos; redes de apoio; arte e cultura; educação. (Festival Mulheres do Mundo, 2023)

Mais do que um produto técnico, esse mapeamento é uma expressão concreta do compromisso do festival com a visibilidade de mulheres que, apesar de historicamente marginalizadas pelas estruturas de poder, atuam cotidianamente na transformação de suas comunidades. O reconhecimento da atuação política das mulheres passa não apenas pela sua presença em espaços institucionais, mas também pelo registro de suas trajetórias, saberes e práticas de cuidado, denúncia, criação e resistência. Esse registro é, antes de tudo, uma ferramenta de mobilização. Ao tornar essas informações acessíveis no site oficial do evento, o Festival WOW deixa um legado duradouro, que transcende o evento e permite que as mulheres e as organizações listadas sejam açãoadas, conectadas e integradas em novas redes de apoio e iniciativas colaborativas.

Nas revistas produzidas como produto do festival, esse esforço de articulação é visível em diversas frentes: da visibilidade concedida às mães que transformaram

o luto em luta, como Bruna da Silva e Irone Santiago; às lideranças indígenas como Potira Guajajara, que denuncia a violência sistemática contra seu povo e seus saberes; passando pelas mulheres negras das favelas que, como Mariana Aleixo e as integrantes da Casa das Mulheres da Maré, constroem alternativas de cuidado, formação e fortalecimento comunitário.

Cada edição da revista atua como um arquivo dessas múltiplas formas de protagonismo. A segunda edição, por exemplo, destaca a conexão entre o festival e a Casa das Mulheres da Maré, um espaço de acolhimento e articulação política voltado para mulheres em situação de violência, que também oferece oficinas, formações e suporte jurídico e psicológico. Já a terceira edição, dedicada ao Festival ECOAR, tematiza o enfrentamento da violência sexual, reunindo dados alarmantes sobre estupro, pobreza menstrual e violência obstétrica, e criando espaços de escuta, denúncia e reflexão, atravessados por raça, território, classe, identidade de gênero e geração.

Nesse sentido, o mapeamento de lideranças não é apenas um instrumento de registro, mas também de resistência, diagnóstico e planejamento. Ele oferece subsídios para políticas públicas territorializadas, fortalece redes já existentes e possibilita a criação de novas alianças. Ao mesmo tempo, reafirma a proposta do Festival WOW de construir uma plataforma global de escuta e diálogo, que parte dos territórios, mas se articula em escala transnacional. O protagonismo feminino no Rio de Janeiro é, assim, evidenciado não como dado abstrato, mas como uma presença concreta, plural e profundamente enraizada nos saberes e nas lutas das mulheres periféricas.

Buscando continuidade dos diálogos estabelecidos e reverberação das mensagens de empoderamento, igualdade de gênero e luta por direitos, o projeto promove, nos anos de seu hiato, o "Esquenta WOW", com ciclos de debates, palestras e oficinas com temas semelhantes aos vistos no Festival em sua edição "oficial", que acabam por nortear próximas programações.

A edição de 2024 do Esquenta WOW marcou um momento significativo de expansão territorial e política do Festival Mulheres do Mundo ao se realizar, pela primeira vez, na cidade de Salvador, na Bahia. O evento contou com uma programação intensa de dois dias voltada para o bem-estar, os direitos e a saúde

das mulheres negras. A escolha da capital baiana como sede do evento não é aleatória: Salvador é a cidade com maior população negra fora do continente africano, o que confere ao território uma centralidade simbólica e histórica na luta antirracista e nas articulações feministas negras do país.

A edição do Esquenta WOW Salvador, realizada nos dias 29 e 30 de novembro de 2024 na Casa Rosa (Rio Vermelho), aprofundou os eixos de articulação do festival ao trazer para a Bahia o tema “Vozes de Mulheres que Ecoam em seus Territórios”. Nos dois dias de atividades gratuitas, o primeiro ficou reservado para trocas internas entre coletivos locais, como o Instituto Odara, Bahia Street e Instituto da Mulher Negra Mãe Hilda Jitolu, fortalecendo redes de luta e ação territorial. Já no dia 30, a programação pública incluiu rodas de conversa sobre “Saúde Reprodutiva e Bem-Viver”, além de uma oficina de comunicação antirracista e sessão de turbantes e dança afro.

O encontro também celebrou a cultura local com a homenagem à Dona Dalva Damiana de Freitas, ícone do samba de roda, e com performances de Melly e da Banda Didá. Nas palavras de Eliana Sousa Silva, curadora nacional do Festival, foi “um marco e uma oportunidade de evidenciar e reunir as vozes locais e suas potencialidades” (BRASIL DE FATO, 2024) ao promover debates sobre saúde, bem-estar, memória e educação, temas centrais para as mulheres soteropolitanas. Essa edição, assim, ilustrou de forma emblemática como o Festival constrói, em cada território, espaços de encontro que articulam cultura, cuidado, memória e ação política, mobilizando saberes e afetos que ecoam além dos palcos tradicionais.

3.3 EXPERIÊNCIAS PESSOAIS E IMPACTO

Além de criar um espaço de trocas e de mapear lideranças locais, o Festival WOW é um momento de empoderamento pessoal e coletivo para as participantes. Em entrevistas e registros pessoais colhidos durante o evento, muitas mulheres expressaram que a experiência no Festival era um momento único de conexão consigo mesmas e com outras mulheres. As vivências compartilhadas no WOW geram um impacto que vai além da esfera pessoal, estendendo-se para o ambiente familiar, comunitário e até mesmo profissional das participantes.

Esse aspecto pessoal do Festival, capturado em depoimentos de bastidores ou entrevistas que conduzi ao longo do evento - algumas disponíveis em redes do evento, revela o quanto a vivência no WOW se torna uma fonte de inspiração e fortalecimento para as mulheres que passam a se reconhecer como agentes de transformação em suas próprias vidas e comunidades. A sensação de acolhimento e de pertencimento que o Festival oferece é constantemente destacada como um diferencial do evento, um espaço onde as participantes se sentem livres para ser quem são e para defender suas causas. As experiências de mulheres que participaram do Festival também ilustram o potencial de continuidade do WOW. Muitas delas, ao retornarem às suas comunidades, se sentem motivadas a compartilhar o que aprenderam, impulsionando novas redes e debates locais. Esse ciclo de troca e fortalecimento, que tem início no Festival, pode ser considerado um dos maiores legados do WOW, pois promove uma transformação cultural contínua.

Como indicado, a análise de conteúdo foi empregada nesta pesquisa como ferramenta metodológica para compreender como o protagonismo feminino se manifesta em narrativas públicas, com especial atenção à edição inaugural da Revista WOW. De acordo com Minayo (2009), essa técnica permite captar não apenas os conteúdos explícitos das falas e registros documentais, mas também os sentidos simbólicos e afetivos que atravessam as práticas sociais dos sujeitos. Neste caso, tal método foi aplicado a materiais como reportagens, entrevistas e registros visuais, buscando examinar como se articularam discursos, experiências e subjetividades em torno do protagonismo feminino em territórios marcados por desigualdades estruturais.

A primeira edição da Revista WOW, lançada no Dia das Mães de 2021, dá voz a três mulheres da Maré — Bruna da Silva, Irone Santiago e Cláudia Maria Oliveira — que, além de compartilharem a experiência de serem mães, têm em comum o fato de terem seus filhos atingidos pela violência letal do Estado. A publicação, produzida pelas Redes da Maré em articulação com o Festival WOW, não apenas presta uma homenagem a essas mulheres, mas lhes concede espaço para narrar suas histórias em primeira pessoa.

O protagonismo que emerge dessas narrativas não pode ser compreendido sem a lente do feminismo interseccional. Concebido a partir das contribuições de

autoras como Kimberlé Crenshaw (1989), o feminismo interseccional propõe que as opressões de gênero, raça e classe não são camadas separadas de dominação, mas dimensões interdependentes de uma mesma experiência social. As mulheres retratadas na revista vivem em um território periférico, são em sua maioria negras ou racializadas, e enfrentam uma violência que combina abandono estatal, racismo institucional e estigmatização de seus corpos e territórios.

Nesse sentido, a reflexão de Sueli Carneiro (2005) é complementar. Para a autora, a articulação entre racismo e sexismo coloca as mulheres negras em uma posição de subalternidade radical, exigindo delas uma constante reinvenção de estratégias de resistência e produção de subjetividade. Como escreve Carneiro, "a mulher negra é o outro do outro, ou seja, o não ser do não ser" (Carneiro, 2005, p. 17). O conteúdo analisado na Revista WOW, ao reunir essas vozes, torna visível um campo de experiências que é frequentemente silenciado, deslocando a imagem da mulher negra da posição de vítima passiva para a de protagonista política.

A maternidade, nesse contexto, aparece como dimensão política central. Ao contrário das representações hegemônicas de "mães guerreiras" que operam no campo do discurso midiático, as mulheres da Maré narram uma maternidade marcada pelo medo, pela vigilância constante e pela responsabilização injusta. Ser mãe na favela, como relata Bruna da Silva, é desenvolver uma "tática de guerra para sobreviver". Essas falas tensionam a ideia de um cuidado exclusivamente afetivo ou privado, e mostram que, nesses contextos, proteger os filhos é também confrontar o Estado e disputar os sentidos da justiça.

Ao sistematizar essas vozes, busca-se evidenciar como o protagonismo feminino não se limita à presença em espaços institucionais ou à adoção de discursos de empoderamento. Ele se manifesta, sobretudo, na capacidade de transformar experiências de dor e perda em linguagem política. Irone Santiago, por exemplo, fala do desejo de escrever um livro, de unir sua experiência de vida com a formação acadêmica. Cláudia Maria expressa o sonho de mudar a realidade da juventude da Maré por meio do acesso à educação e a políticas públicas efetivas. Esses enunciados configuram formas de agência que escapam aos modelos tradicionais de militância, mas que são profundamente transformadoras.

Ao lado do discurso, a revista também mobiliza uma estética da presença. O ensaio fotográfico, os cuidados com a maquiagem, o figurino e a produção visual são parte da narrativa: mostram essas mulheres como sujeitos dignos de atenção, de beleza e de centralidade. Em um país onde corpos periféricos são sistematicamente invisibilizados ou desumanizados, a imagem pública dessas mulheres produz uma ruptura simbólica importante. A análise de conteúdo, neste caso, deve ser sensível também aos códigos visuais, entendendo que o protagonismo se constrói não apenas no que é dito, mas no modo como se é visto.

Dessa forma, o Festival WOW representa um dispositivo de visibilização e articulação de vozes femininas que frequentemente permanecem secundarizados. A técnica de análise de conteúdo permitiu reconhecer essas vozes em sua potência e complexidade, revelando como o protagonismo feminino nas periferias urbanas é entrelaçado por múltiplas formas de opressão, mas também por práticas cotidianas de resistência, cuidado e produção de sentidos. A intersecção entre gênero, raça, território e violência representa um campo fértil para a emergência de novas formas de agência política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta monografia, buscou-se compreender o Festival WOW como um dispositivo cultural capaz de operar deslocamentos simbólicos, políticos e estéticos no campo das práticas sociais e da produção cultural. Analisado sob a ótica do protagonismo feminino, o evento se revela não apenas como um espaço de celebração e visibilidade, mas como campo de disputa e transformação, especialmente por se enraizar a partir de um território historicamente marcado pela exclusão e pela potência criativa: o conjunto de favelas da Maré, no Rio de Janeiro.

A análise demonstrou que o Festival WOW mobiliza quatro dimensões interconectadas, as quais compõem um ecossistema cultural voltado à valorização da experiência feminina em suas múltiplas intersecções: de classe, raça, gênero e território. Ao ocupar o espaço público com essas vozes plurais, o Festival contribui para a reconstrução de narrativas e imaginários sociais, tensionando estruturas patriarcais, racistas e excludentes ainda profundamente enraizadas na sociedade brasileira. Ao integrar arte, ativismo, empreendedorismo e espaços de escuta, o Festival WOW constrói um ecossistema simbólico e prático que reposiciona as mulheres como produtoras de cultura, conhecimento e política. Cada dimensão – ainda que com desafios e tensões – reforça a ideia de que o protagonismo feminino se realiza tanto nos gestos cotidianos quanto nas grandes narrativas públicas.

Além do aporte teórico e metodológico utilizado, a minha experiência pessoal enquanto produtora audiovisual do Festival WOW em 2023 foi determinante para a compreensão de como os discursos de equidade podem ser materializados em práticas culturais concretas. Trabalhar em uma equipe majoritariamente composta por mulheres — muitas delas negras, periféricas e em posição de liderança técnica — revelou, na prática, que a democratização da produção cultural é possível, desde que intencionalmente construída. Desde o primeiro contato com a equipe, composta majoritariamente por mulheres de diferentes origens e trajetórias, percebi que se tratava de um espaço de atuação coletiva que transbordava técnica — era também um espaço de pertencimento. Havia um senso de responsabilidade compartilhada que se manifestava tanto na agilidade da execução das tarefas quanto na delicadeza dos cuidados com as participantes, convidadas e crianças. A inclusão de

um ambiente de cuidado infantil, por exemplo, revelou como pequenas ações logísticas podem materializar um projeto político mais amplo de acolhimento e equidade.

O Festival WOW me proporcionou uma vivência que articulou intensamente teoria e prática. Os conceitos de interseccionalidade (Collins, 2019), de feminismo negro (Carneiro, 2005) deixaram de ser apenas referências acadêmicas e se materializaram em prática: no cuidado infantil, na curadoria inclusiva, na escuta ativa. Essa vivência reforça o que Sueli Carneiro (2005) chama de “subjetividades insurgentes” — mulheres que, ao ocupar espaços antes negados, constroem novas epistemologias femininas e populares

Ao mesmo tempo em que reafirma a importância de falar sobre o protagonismo feminino, o evento mostra que é possível efetivar esse discurso nas estruturas organizacionais, nos processos produtivos e nas experiências culturais. Essa vivência permitiu uma leitura crítica e sensível dos conteúdos curados no evento, sobretudo ao observar a busca pela coerência entre o discurso institucional do Festival e sua organização interna. A presença de espaços de cuidado, a escuta ativa de mulheres vítimas de violências, a valorização de artistas marginalizadas, a diversidade na curadoria e a construção de redes afetivas e profissionais entre mulheres revelam uma lógica de produção ancorada no cuidado, na horizontalidade e na potência coletiva.

A trajetória do Festival, desde sua origem em Londres, Inglaterra, até sua consolidação no Brasil, evidencia que eventos culturais de base comunitária podem articular o global e o local de forma ética e engajada, sem dissociar estética e política. A parceria com a Redes da Maré, a inserção no território e o diálogo com saberes populares reforçam que é possível fazer cultura a partir da periferia, com protagonismo local, sem abrir mão da complexidade dos temas globais que atravessam a condição feminina contemporânea.

As edições do Festival WOW no Brasil, especialmente no contexto do Rio de Janeiro, demonstram o potencial transformador de iniciativas que articulam cultura, política e participação social a partir das experiências das mulheres. O festival contribui de maneira relevante para a ampliação da visibilidade e do protagonismo feminino, ao criar espaços de fala, circulação simbólica e articulação coletiva.

Atividades como a Feira de Negócios Delas, os fóruns de vivência, os shows e as rodas de conversa mais disputadas não apenas celebram essas trajetórias, mas oferecem às participantes oportunidades concretas de fortalecer suas redes, divulgar seus projetos e ressignificar suas vivências. A escuta e a troca se configuram como práticas centrais, com o intuito de gerar senso de pertencimento e ativar formas de empoderamento subjetivo e coletivo.

Entretanto, é necessário problematizar o uso reiterado do termo “protagonismo feminino”, muitas vezes carregado de uma retórica idealizada que tende a obscurecer as contradições e os limites das práticas emancipatórias em contextos marcados por profundas desigualdades estruturais. Ao exaltar trajetórias de superação e empreendedorismo, o festival corre o risco de reforçar uma narrativa meritocrática na qual a responsabilização individual substitui a crítica às ausências do Estado. Nem todas as mulheres podem ou desejam ocupar o lugar de protagonistas, e muitas permanecem alijadas mesmo dentro de espaços que se propõem inclusivos. Reconhecer essas tensões é fundamental para evitar que o protagonismo se converta em um imperativo de performance, que espetaculariza a força e a superação.

A centralidade da interseccionalidade no projeto curatorial do WOW é um dos aspectos mais potentes do festival ao meu ver. As atividades dão visibilidade às experiências de mulheres negras, indígenas, trans e periféricas, e permitem que essas vozes tensionem o discurso feminista centrado em mulheres brancas de classe média/alta. Ao mesmo tempo, é importante atentar para o risco de promover a diversidade como fachada — isto é, a inclusão de identidades minorizadas apenas como representação simbólica, sem que haja necessariamente uma redistribuição efetiva de poder, recursos e decisão dentro da estrutura do evento. A interseccionalidade, para além de uma estética da diversidade, precisa ser incorporada como uma prática política contínua, capaz de enfrentar os conflitos e as desigualdades internas aos próprios movimentos de mulheres.

Outro mérito do Festival é a valorização da produção cultural feminina em suas múltiplas linguagens — da arte popular à produção literária, da música à performance política. O reconhecimento dessas expressões é essencial para desestabilizar os limites entre arte e ativismo, trabalho e criação, política e estética.

Contudo, a circulação dessas produções no interior do festival não garante, por si só, seu fortalecimento no campo cultural mais amplo, que segue sendo marcado por lógicas patriarcais, racistas e elitistas. O desafio que se impõe é o de construir mecanismos que sustentem essas iniciativas para além do evento, com acesso a financiamento, visibilidade midiática e inserção nas políticas culturais institucionais.

Finalmente, os legados deixados pelo WOW — como o mapeamento das lideranças femininas e das organizações atuantes no Rio de Janeiro — representam uma conquista expressiva no campo do reconhecimento público e da articulação política de mulheres nos territórios populares. No entanto, a sustentabilidade dessas redes, bem como a continuidade do festival em termos de financiamento e estrutura, são questões ainda abertas. A institucionalização de espaços como a Casa das Mulheres da Maré demonstra que há frutos duradouros, mas também impõe a responsabilidade de pensar estratégias de permanência, autonomia e impacto real.

Em termos de legado, o Festival deixa não apenas registros audiovisuais, um mapeamento e produtos culturais, mas também uma memória afetiva e política que incide sobre a subjetividade das mulheres envolvidas — sejam elas produtoras, artistas, lideranças ou espectadoras. Trata-se de um legado imaterial e transformador, que reconfigura os modos de estar no mundo, de produzir sentido e de ocupar o espaço público.

O Festival WOW se firma como uma experiência inspiradora e necessária, mas que não deve ser tomada como solução em si. Sua força está, talvez, em abrir fissuras, criar vínculos, dar nome às dores e aos desejos. Cabe agora pensar como essas forças podem ser mobilizadas de maneira crítica, plural e politicamente consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCINSKI, Mariana; CÚNICO, Sandra Damázio. Mulheres no tráfico de drogas: retratos da vitimização e do protagonismo feminino. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, v. 16, n. 1, p. 59–70, jan. 2016.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. São Paulo: Editora UFMG, 2006.
- BERSELLI, Camila; AÑAÑA, Ernani da Silva; ZUCCO, Fabio D. Um festival para chamar de meu: análise dos impactos do Festival Internacional SESC de Música, e da sua relação com o orgulho comunitário e a qualidade de vida dos residentes. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 15, n. 3, p. e2036, set. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRASIL DE FATO. Salvador recebe encontro do Festival Mulheres do Mundo neste sábado (30). *Brasil de Fato*, 27 nov. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/11/27/salvador-recebe-encontro-do-festival-mulheres-do-mundo-neste-sabado-30>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 13 maio 2025.
- CNPq – CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Gênero na ciência. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/iniciativas/gero-na-ciencia>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- CORADIN, Clarice; OLIVEIRA, Solange Santiago. Contribuições do conceito de corpoterritório e dos feminismos comunitários para pensarmos na construção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis. *Saúde em Debate*, v. 48, n. spe1, p. e8731, ago. 2024.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FACCHINI, Regina. “Não faz mal pensar que não se está só”: estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo. *Cadernos Pagu*, n. 36, p. 117–153, jan. 2011.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023*. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em:

<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023-completo-v2.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101932.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *PNAD Contínua: Outras formas de trabalho 2021*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34035>. Acesso em: 15 jun. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *PNAD Contínua: Mercado de trabalho 2023*. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 13 maio 2025.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Desigualdades de Gênero no Mercado de Trabalho Brasileiro*. Brasília: IPEA, 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 13 maio 2025.

KERN, Leslie. *Cidade feminista: como construir um lugar melhor para todas*. Tradução de Duda Ernanny. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Construção de indicadores qualitativos para avaliação de mudanças. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 33, n. 1, supl. 1, p. 83–91, 2009.

MONTEIRO, R. dos Santos; GREINER, Christine. O comum como ação cultural: novos arranjos para uma política da cultura. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 10, n. 2, p. e94611, 2020.

RODRIGUES, Laura. Favela, cartão-postal do Brasil? Representações ambivalentes sobre cultura e identidade nacionais na performance de Anitta em palco estrangeiro. *Galáxia*, n. 49, p. e63724, 2024.

SANTOS, Érica Rodrigues Silva dos; TEDESCO, Maria Clara. Iniciativas e ações feministas no audiovisual brasileiro contemporâneo. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, n. 3, p. 1373–1391, set. 2017.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um ensaio sobre as formas sociais. In: VELHO, Otávio (Org.). *O indivíduo e a liberdade: ensaios de Georg Simmel*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006. p. 127–140.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Curso de Produção Cultural. Niterói: UFF, 2024. Disponível em: <https://www.uff.br/?q=curso/producao-cultural/18609/bacharelado/niteroi>. Acesso em: 9 jun. 2025.

VELLOSO, Mônica. As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 207–228, 1990

WOW. *Revista WOW – Primeira edição*. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2021. Disponível em: https://redesdamare.org.br/uploads/revista_wow_E1.pdf. Acesso em: 13 maio 2025.

WOW. *Revista WOW – A voz das mulheres indígenas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Redes da Maré, dez. 2021. Disponível em: https://redesdamare.org.br/uploads/revistawow-2_site.pdf. Acesso em: 13 maio 2025.

WOW. *Revista WOW – Edição ECOAR!*. 3. ed. Rio de Janeiro: Redes da Maré, jan. 2023. Disponível em: https://redesdamare.org.br/uploads/revista_wow_3_edição_Jan_site.pdf. Acesso em: 13 maio 2025.

WOW Foundation. *WOW Rio 2023 | Festival Mulheres do Mundo* [vídeo]. YouTube, 23 nov. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wp1LqsCFwIM>. Acesso em: 27 jun. 2025.